

CONVERGÊNCIA

Setembro 2003 Ano XXXVIII nº 365

ISSN 0010-8162



- ◆ Espiritualidade – Um caminho para a integração
- ◆ Espiritualidade e diálogo – Uma reflexão sobre o princípio dialogal de Martin Buber
- ◆ Fica conosco, Senhor, pois o sol já declina
Reflexões sobre a terceira idade
- ◆ Algumas reflexões sobre a Vida Religiosa
- ◆ A Vida Religiosa: Elementos para a pastoral vocacional



CRB

Sumário

EDITORIAL	385
PALAVRA DO PAPA	389
INFORME CRB	391
ARTIGOS	399
Espiritualidade – um caminho para a integração	399
Ir. HELENA T. RECH, STS	
Espiritualidade e diálogo	
Uma reflexão sobre o princípio dialogal de Martin Buber	412
FREI MIGUEL KLEINHANS, OFM	
Fica conosco, Senhor, pois o sol já declina	
Reflexões sobre a terceira idade	421
FREI ANTÔNIO MOSER	
Algumas reflexões sobre a Vida Religiosa	430
CLEUSA APARECIDA NEVES, CFA	
A Vida Religiosa: Elementos para a pastoral vocacional	443
CARLOS PALMÊS, SJ	

A ilustração da capa da Convergência 2003 é uma cópia da obra EMAÚS - serigrafia, do artista sacro Cláudio Pastro. O quadro chama atenção para a centralidade do seguimento de Jesus na Vida Religiosa e para a celebração do Ano Vocacional.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:
Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:
Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitória, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br

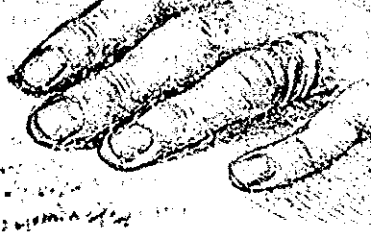
PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:
LetraCapital Editora
Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2215-3781
Fax (21) 2224-7071
E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura	Brasil: R\$ 80,00
Anual	Exterior: US\$ 85.00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
para 2003	Número avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8.50

Editorial



Experiência de Deus nas contradições da história

A experiência da VR latino-americana das últimas décadas, no dizer de alguns teólogos, pode ser considerada, analogamente, a uma nova escola de espiritualidade. Isso significa que, à semelhança do que ocorreu nos momentos de origem das grandes tradições de espiritualidade da Igreja, surgiu nas últimas décadas na Igreja do Continente (mais concretamente na VR): a consciência de um novo surto do Espírito, abrindo novos caminhos e suscitando novas formas de relacionar-se com Deus, de discernir os signos do Espírito na realidade, de articular oração e vida, contemplação e lutas de libertação e solidariedade. Nessa nova torrente de espiritualidade que invadiu a Igreja e a VR latino-americana nas últimas décadas do século XX, o grande mestre não é um fundador singular, senão o próprio povo, e a raiz mais profunda dessa experiência, a Palavra de Deus, ouvida e discernida na história concreta e no cotidiano de homens e mulheres do povo, sob a guia do Espírito.

Nesse processo há rupturas e conti-

nuidade, permitindo que o núcleo fundamental de toda a tradição cristã de espiritualidade – a fé no Deus de Jesus Cristo – se re-crie e se re-expressse a partir das novas situações históricas.

Na expressão de Jon Sobrino, começa a formar-se um poço de água de vida. “Foram-no enchendo com sua fé, sua esperança, com seu compromisso e seu gozo, com suas lágrimas e, muitas vezes seu sangue, os cristãos do povo pobre que se comprometeram com a causa de Jesus, o Reino de Deus. Porque existe esse poço de vida cristã, pode haver espiritualidade; porque essa vida cristã é nova, pode haver nova espiritualidade; e porque muitos bebem desse poço, (os pobres em primeiro lugar, pois é seu poço, e daqueles que se acercaram e se comprometeram com eles), existe uma espiritualidade”.

O testemunho daqueles que mais explicitamente encarnam essa nova espiritualidade em sua vida e suas opções é eloquente. Para eles, nessa “novidade”, no beber desse poço, no experimentar Deus a partir das contradições da his-

tória, o modelo tradicional de espiritualidade se rompe. Já não é possível orar da mesma maneira. Um beco de miséria não é um claustro belamente decorado. O silêncio dos tempos de oração é quebrado com o ruído da vida que borbulha com sua beleza e seus conflitos. Tudo isso exige purificações profundas. A vida forte e violenta não se enquadra nos moldes de fórmulas de oração feitas *a priori*, e os símbolos de sempre se apagam e se minimizam diante de tanta injustiça e, ao mesmo tempo, de tanta bondade. Mas, nesta situação, algo novo nasce. O Deus sempre maior vai abrindo espaços inusitados de viver e partilhar a fé no cotidiano.

O agravar-se da situação sócio-econômica de nossos povos e os conflitos que se anunciam a partir daí, estão urgindo religiosas e religiosos a continuarem aprofundando nas fontes dessa espiritualidade, com o povo e a partir da vida do povo. Nessa linha, dois desafios parecem-se revestir de caráter de especial urgência. Em primeiro lugar, o desafio de re-alimentar a própria esperança e a esperança das comunidades em meio a situações de cansaço, de desalento, de frustrações, de não saber por donde ir. É a transposição concreta e existencial para o hoje do Continente, da experiência paulina do esperar contra toda esperança.

O outro desafio vai no sentido de conjugar mística e solidariedade profética. É o desafio da afirmação do Deus da vida, experimentado em situações de morte, cada vez mais frequentes no mundo atual, sob a hegemonia do sistema neoliberal globalizado. De fato,

bíblica e teologicamente considerada, a experiência profética arranca de uma peculiar experiência de Deus, que faz o profeta especialmente sensível ao projeto histórico de Deus para a pessoa humana. É a partir dessa experiência que o profeta pode abrir os ouvidos e o coração ao clamor dos excluídos e fazer-se voz denunciatória de todas as situações humanas contraditórias com esse projeto de Deus. Continuar articulando mística e profecia, fé e luta pela justiça, num mundo trabalhado pelas forças da desintegração social e da negação, implícita ou explícita, do Deus da vida e da vida de tantos milhões de pessoas humanas, constitui, sem dúvida, um desafio para a espiritualidade cristã e da Vida Religiosa nesse início de milênio.

A celebração do Jubileu da CRB, com sua proposta de "Testemunho, Profecia, Esperança", constitui um novo "Kairós" para Religiosas e Religiosos do Brasil. Quanto mais mergulhadas/os na fonte viva da Palavra de Deus, mais capazes serão de fazer ressoar nos novos "areópagos" deste mundo o testemunho de sua consagração, como sinal profético, anunciador de esperança e de vida para todo o povo de Deus.

Convergência deste mês faz chegar às comunidades textos capazes de provocar reflexão e compromisso na sua experiência espiritual de seguimento de Jesus, nas difíceis circunstâncias da sociedade e da vida da Igreja.

"Espiritualidade – um caminho para a integração" – de Ir. Helena Terezinha Rech, STS, é um artigo sugestivo e cheio de pro-vocações para os Religiosos e

Religiosas de hoje. A autora parte da sua longa experiência no ministério teológico da espiritualidade, no intuito de partilhar com os leitores/as essa experiência e algumas convicções básicas, nas quais se fundamenta.. Depois de enunciar as suas convicções, Ir. Helena desenvolve com grande competência e clareza o sentido de uma espiritualidade que seja de fato caminho para a integração. Aborda questões de grande relevância, tais como: a espiritualidade como processo, a visão unitária ou integradora do ser humano, a espiritualidade como caminho para a integração. Para a autora, “a modernidade instalou a razão instrumental e analítica como matriz do conhecimento. Tudo passou a ser examinado em partes e o saber passou a ser altamente especializado, porém muito limitado e fragmentado. O dualismo, também, provocou a divisão entre céu e terra, espírito e matéria, alma e corpo, natural e sobrenatural. Uma reação contra o dualismo e o olhar analítico da modernidade sobre o ser humano, o saber, o cosmos e a vida em geral, foi o surgimento da *holística*. Este novo paradigma busca a integração da pessoa humana, do saber e do cosmos... Na dimensão da Fé, especialmente na perspectiva da espiritualidade, significa buscar e construir a “unidade interior”, a integração de todo o nosso ser: corporeidade, afetividade, espiritualidade, racionalidade, relações, especialmente de gênero, conscientes de que o finito nunca saciará nossa sede de infinito”. O texto é cheio de sabedoria e mordência. Vale a pena conferir.

O texto de Miguel Kleinhaus – “Espiri-

ritualidade e diálogo – uma reflexão sobre o princípio dialógico de Martin Buber”, está também baseado na experiência do autor na orientação espiritual. Na sua experiência, o diálogo constitui palavra-chave do nosso tempo e é também peça-chave na espiritualidade e na orientação espiritual. Nesta perspectiva, o autor, ao longo do artigo, trata de responder a algumas perguntas: “Como dialogar com o/a próximo/a? Como um diálogo assim pode se elevar a Deus? Existe uma linguagem adequada que descreva respeitosamente nossa experiência de diálogo com Deus na oração? No desenvolvimento do texto, Fr. Miguel aborda a questão da mística cristã, identificando alguns erros em que se pode incorrer quando se busca entrar em diálogo com Deus, para indicar também pistas de superação dessas atitudes equívocas.

Fr. Antônio Moser, no seu excelente e bem humorado texto “Fica conosco, Senhor, pois o sol já declina... Reflexões sobre a terceira idade”, tece considerações de enorme pertinência e importância sobre a temática da Campanha da Fraternidade deste ano de 2003, questão que é também candente na sociedade atual. O autor apresenta o caminho da vida humana como um caminhar entre flores e espinhos, onde o sonho da eterna juventude se conjuga com a realidade da idade avançada, onde, às vezes, se tropeça com a tentação da rebeldia e onde é preciso driblar os espinhos e colher as flores. O autor enfoca a questão dos desafios mais comuns à terceira idade e a questão dos desafios específicos para a Vida Reli-

giosa, ou seja, como lidar com o mundo das fantasias, ter em conta que o demônio acena para o passado e que as esperanças encontram-se no futuro. Como o autor indica no início do texto, a sua experiência de vida foi o eixo articulador e inspirador do artigo. Vale a pena ler e meditar e compartilhar na comunidade as sábias palavras de Fr. Antônio Moser.

"Algumas reflexões sobre a Vida Religiosa" é o interessante artigo de Cleusa Aparecida Neves, CFA. A autora se propõe fazer uma reflexão sobre o dinamismo da Vida Religiosa, tendo em conta alguns traços do seu passado e do seu presente e apontando para o futuro numa perspectiva de esperança. As questões tratadas são as seguintes: - esvaziamento dos noviciados; - surgimento de novas propostas de vida consagrada; - algumas incoerências na Vida Religiosa; a necessidade da coragem para enfrentar os desafios do seguimento. Para a autora, "refletir sobre a vida consagrada é pensar o sujeito em transformação; é trazer à tona a possibilidade de investigar sobre o inusitado, sobre aquilo que não se pode prever, sobre potencialidades, sobre uma opção de vida feita por causa do Reino..." O texto sugere ainda que nos perguntemos que rosto estamos dando a nossa Vida Religiosa, às nossas comunidades.

E isto é fundamental se pretendemos, de fato, dar testemunho, ser profetas e anunciar esperança.

O artigo de Carlos Palmés, "A Vida Religiosa: elementos para a pastoral vocacional", é um texto bastante prático e inspirador para todos aqueles e aquelas que se ocupam com a delicada e importante tarefa de ajudar o discernimento vocacional dos/as jovens na atual realidade da sociedade e da Igreja. O autor lembra aqueles elementos da vida dos Religiosos/as que mais chamam a atenção dos/as jovens, e traça um possível itinerário a ser seguido na pastoral vocacional. Para Carlos Palmés, "um meio que se está tornando cada vez mais imprescindível desde o nascimento de uma vocação é o acompanhamento espiritual. Um bom número de congregações já incorporou este instrumento na formação, com grande proveito, mas há aqueles que ainda não descobriram sua importância, talvez porque não está nas tradições de seu instituto ou porque não foi experimentado pessoalmente... A pessoa não pode caminhar sozinha; é preciso ter ao lado alguém que lhe assinale o caminho e que a acompanhe para orientá-la e animá-la, para ajudá-la a objetivar as coisas, para descobrir o mundo interior e para discernir a voz de Deus".



Palavra do Papa

O quadragésimo aniversário da morte do Beato João XXIII

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. Faleceu há quarenta anos o querido e venerado Papa João XXIII, que tive a alegria de proclamar *Beato*, juntamente com Pio IX, a 3 de setembro do ano 2000.

O pensamento volta espontaneamente para a segunda-feira, 3 de junho de 1963: naquela tarde, os fiéis de Roma e os peregrinos acorreram em milhares à Praça de São Pedro, para estarem o mais próximo possível do querido Padre e Pastor, que, depois de uma prolongada e dolorosa doença, deixou este mundo.

Às 19 horas, no átrio da Basílica de São Pedro, o Pró-Vigário de Roma, Cardeal Luigi Traglia, dava início à Santa Missa, enquanto ele, na seu leito que se tornou altar, consumava o seu sacrifício espiritual, o sacrifício de toda a sua vida.

Da Praça de São Pedro, apinhada, elevou-se em unanimidade ao céu a oração da Igreja. Parece que vivemos de novo aqueles momentos de grande emoção: os olhares de toda a humanidade

estavam dirigidos para a janela do terceiro andar do Palácio Apostólico. O fim daquela Missa coincidiu com a morte do Papa bom.

2. "Este leito é um altar; o altar quer uma vítima: eis-me pronto. Ofereço a minha vida pela Igreja, pela continuação do Concílio Ecumênico, pela paz no mundo, pela unidade dos cristãos" (*Discorsi, Messaggi, Colloqui del Santo Padre Giovanni XXIII*, pág. 618).

Ecce adsum! Eis-me pronto! O pensamento sereno da morte tinha acompanhado o Papa João em toda a sua vida, o qual, no momento da despedida definitiva, projetava o seu olhar no futuro e nas expectativas do Povo de Deus e do mundo. Com um tom comovido ele afirmava que o segredo do seu sacerdócio estava no Crucifixo, guardado sempre ciosamente em frente seu leito. "Nas longas e freqüentes conversas noturnas observava que o pensamento da redenção do mundo pareceu-me urgente como nunca". "Aqueles braços estendidos, acrescentava, dizem que Ele morreu por todos, para todos; não recusa a

ninguém o seu amor, o seu perdão" (*ibid.*, 618).

Não é difícil compreender nestas breves palavras o sentido do seu ministério sacerdotal totalmente dedicado a dar a conhecer e a amar "o que mais conta na vida: Jesus Cristo bendito: a sua Santa Igreja, o seu Evangelho" (*ibid.*, 612). Palpitou nele, até ao fim, este anseio. "A minha jornada terrena, concluía o Beato João XXIII, acaba; mas Cristo vive e a Igreja continua a sua tarefa; as almas, as almas: *ut unum sint, ut unum sint...*" (*ibid.*, 619).

3. Quase dois meses antes, a 11 de abril, João XXIII tinha publicado o documento mais célebre do seu magistério: a Encíclica *Pacem in terris*, que este ano tive a ocasião de recordar várias vezes. Toda a vida do inesquecível Pontífice foi um testemunho de paz. O seu Pontificado revelou-se uma elevadíssima profecia de paz, que encontrou na *Pacem in terris* a sua manifestação realizada, quase um testamento público e universal.

"Cada crente, neste nosso mundo, escrevia ele, deve ser uma centelha de luz, um centro de amor, um fermento vivificador na massa. E tanto mais o será, quanto mais, na sua própria inti-

midade, viver em comunhão com Deus. De fato, não haverá paz entre os homens se não há paz em cada um deles" (Parte V: AAS, LV [1963], pág. 302).

Para ser centelha de luz é preciso viver em contato permanente com Deus. Este meu venerado Predecessor deixou uma marca na história; recorda também aos homens do terceiro milênio que o segredo da paz e da alegria se encontra na comunhão profunda e constante com Deus. O Coração do Redentor é a fonte do amor e da paz, da esperança e da alegria.

A nossa recordação do amado Papa João transforma-se assim numa oração: que ele se digne interceder, do Paraíso, para que também nós, como ele, possamos confessar no fim da nossa existência, que nada mais procuramos do que Cristo e o seu Evangelho.

Ajude-nos, Maria, que ele gostava de invocar com a bonita frase *Mater mea, fiducia mea!* a perseverar com a palavra e com o exemplo, no compromisso de testemunhar a paz para contribuir para a edificação da civilização do amor.

Quarta-feira 4 de junho de 2003.

Joannes Paulus II



1. Pastoral Afro-Brasileira da CNBB

III Congresso Nacional de Entidades Negras Católicas (III CONENC)

Estivemos reunidos(as) na cidade de São Paulo, Parque da Água Branca para a realização do III Congresso Nacional das Entidades Negras Católicas, entre os dias 25 a 27 de julho de 2003.

Éramos 250 delegados(as), representantes de 9 estados da federação e do Distrito Federal; membros de uma ampla rede que hoje congrega grupos diversos (grupos de base, irmandades, grupos culturais, agentes de pastorais, bispos, leigos(as), religiosos(as) e sacerdotes) formando assim a Pastoral Afro-Brasileira (PAB).

O CONENC tem por objetivo reunir o conjunto da Pastoral Afro-Brasileira para troca de experiências, debates, possibilitando o estudo de temas pertinentes a nossa caminhada, e assim fortalecer o nosso compromisso diante dos desafios que se apresentam hoje para a nossa missão evangelizadora.

Esse III Congresso teve como tema: "Comunidades negras: mística, espiritualidade e identidade em construção".

Para a maioria dos(as) negros(as) a construção e reconstrução da identidade é um desafio, porque constantemente somos agredidos(as), nos aspectos mais significativos em relação a uma identidade negra positiva.

A identidade de uma pessoa se constrói na relação com os(as) outros(as); ninguém cresce sozinho.

Nesse congresso reafirmamos o caráter comunitário de nossa luta; a comunidade é o lugar fundamental de crescimento de militância; na comunidade somos fortalecidos(as) para que possamos oferecer propostas concretas para a viabilização de um projeto alternativo para o Brasil.

Nesse sentido a Pastoral Afro-Brasileira em seus diversos níveis oferece um espaço de militância onde se fortalece o processo de construção e reconstrução de uma identidade negra: identidade que se abre para o serviço aos irmãos(ãs) negros(as) que ainda vivenciam uma dura experiência de opressão.

Somos homens e mulheres de esperança; o medo não venceu o nosso sonho; a grande utopia de Zumbi dos Palmares, Manuel Congo, Margarida Maria, Dandara, Luiza Mahin e outros/as quilombolas continua nos impulsionando: a vitória é certa.

Temos confiança e por isso acreditamos que um outro mundo é possível; que uma outra integração latino-americana é possível e que a comunidade negra conhecerá a plena realização de uma sociedade justa, fraterna e igualitária.

Hoje, somos desafiados e queremos nos comprometer:

1- Na construção e fortalecimento da Pastoral Afro-Brasileira, em todos os níveis (paroquial, comunitário-local, diocesano, regional e nacional), em comunhão com a Conferência Nacional dos

Bispos do Brasil-CNBB.

2- Assumimos a defesa e implementação das políticas públicas de ações afirmativas e de cotas que possam contribuir para um outro tipo de desenvolvimento para o Brasil.

3- Apoiamos a criação de rede "Maci" (Mulheres Afro-Americanas Cristãs em Interação) com a participação de mulheres e homens e todas as iniciativas que visem superar a tríplice discriminação a que estão submetidas às mulheres negras.

4- Assumimos o compromisso de incentivar a criação de redes nacionais católicas de comunicação Afro-Brasileira.

Nos acompanha nessa caminhada nossa Mãe Mariama, modelo de todo(a) discípulo(a) de seu filho Jesus Cristo, o Negro da Galiléia.

AXÉ!!

2. Missão da Igreja do Brasil na Amazônia

Comissão Episcopal da Amazônia

1. Memória Histórica

A Comissão Episcopal da Amazônia representa o eco que ressoou dos apelos provindos do povo da Amazônia na voz de tantos agentes de pastorais, missionários e bispos, por longos anos, à Igreja do Brasil. Representa também o fruto amadurecido de iniciativas missionárias realizadas ao longo dos anos por algumas Igrejas particulares, dando origem ao projeto Igrejas-Irmãs.

Sua motivação inicial foi apresentada em abril de 1972, pela CNBB, após uma visita de D. Aloísio Lorscheider, presidente; D. Avelar Brandão Vilela, vice-presidente; D. José Ivo Lorscheiter, secretário geral, à Amazônia, de 26 a 31 de janeiro do mesmo ano. Retornando, lançaram o Programa "Igrejas-Irmãs" dentro do qual, uma Igreja do centro ou do sul se propõe ajudar de modo especial e permanente, uma circunscrição eclesial do norte, mediante orações coletivas, eventual ajuda de pessoal e custeio de determinadas atividades pastorais.

Em 31 de agosto de 1972, em entrevista coletiva à imprensa, D. Estêvão Cardoso Avelar, então prelado de Marabá (PA) comunicou que o episcopado brasileiro, para tornar concretos os anseios do documento "Justiça no Mundo" incentivaria, entre outras iniciativas, o projeto "Igrejas-Irmãs", programa de ajuda mútua entre dioceses brasileiras; aquelas que têm maiores recursos, colaboram com as menos favorecidas. "Todas as dioceses, ainda que pobres, sempre podem contribuir em favor de outras mais pobres"[1].

Na XV Assembléia Geral da CNBB, realizada em fevereiro de 1977, os bispos estudaram seriamente o problema das Regiões Missionárias na Amazônia e tomaram consciência de que todas as Igrejas Particulares, no Brasil, devem sentir-se corresponsáveis para o crescimento da Igreja na Amazônia, utilizando as forças missionárias vindas do Sul para a animação do povo de Deus, para que este assuma o seu próprio destino de Igreja Local e forneça os seus próprios ministros. Foi explicitado o relatório de uma visita feita em 1968 por D. Aloísio Lorscheider, então Secretário Geral da CNBB: "Vê-se, portanto, que a Amazônia precisa de um incremento de pessoal nativo, para um abasileiramento sempre maior de suas estruturas de Igreja".

Não desvalorizando os trabalhos de missionários estrangeiros nesta região, os bispos se posicionaram que era chegada a hora da "Igreja no Brasil empreender um esforço planejado e coordenado, para integrar o povo de Deus daquelas regiões na grande comunidade eclesial nacional". E sublinhava: **O problema é da Igreja no Brasil** [2].

Nestes últimos tempos, D. Erwin Krautler, Bispo de Xingu e Responsável pela Dimensão Missionária da CNBB, lançou apelos prementes, como João no deserto: *"a evangelização missionária não pode ser exclusivamente de institutos e organismos, mas tem de envolver toda a Igreja. O sujeito da missão é a própria Igreja"*. O apelo perpassou todas as instâncias religiosas: *"venham em socorro*

a Igreja da Amazônia pelos seus desafios pastorais, pela extensão e importância no cenário mundial. A Amazônia continua "Terra de Missão" [3].

A Amazônia, apesar de apresentar grandes desafios pastorais, sobretudo por causa de sua extensão territorial, na origem da ação evangelizadora e missionária, muito contou com a força da presença determinante da Vida Religiosa. Poderíamos dizer que, se existem Igrejas vivas e atuantes, deve-se muito ao trabalho pioneiro dos religiosos e das religiosas. Atualmente, embora persistam os grandes desafios, numericamente, essa presença se faz pequena e insuficiente para responder aos desafios que aumentam cada vez mais, atingindo todas as dimensões da vida humana e familiar.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998 retomam o programa "Igreja-Irmãos", como iniciativa historicamente importante no despertar das Igrejas do Brasil para a Amazônia, as Regiões do Oeste e Nordeste [4].

Finalmente o tema da Amazônia entrou na pauta da 40ª Assembléia Geral da CNBB realizada em Itaici, Indaiatuba, nos dias 10 a 19 de abril de 2002. Na primeira sessão do dia 16 de abril Dom Luiz Soares Vieira, Dom José Maria Pinheiro, Dom Erwin Krautler, Dom Affonso Felipe Gregory, Dom Frei Moacyr Grechi e Dom Gutemberg Freire Regis discutiram sobre o tema: "A Amazônia: realidade, desafios pastorais e missão da Igreja". A ressonância às colocações feitas sensibilizou a todos para a questão da Amazônia.

- A missão que fora até então assumida nesta região pelos/as missionários/as oriundos de outros países é agora um desafio à Igreja do Brasil.

- É urgente a formação da vocação e espírito missionários e a promoção do conhecimento da realidade amazônica para nossos atuais seminaristas.
- É preciso reforçar a presença missionária junto aos povos indígenas. O Bispo deve estar presente com as equipes indigenistas e incentivar, corrigir, apoiar a Evangelização e a promoção humana destes povos. E que os missionários respeitem a história e as culturas e expressões religiosas que os índios guardam no coração como própria história.
- É preciso preparar os missionários e missionárias para a Amazônia porque mesmo sendo brasileiros(as), precisam inculturar-se no meio destes povos.
- Não ignorando a gravidade da questão ministerial e pastoral, a Amazônia deve ser para nós a prioridade das prioridades, antes que seja irrecuperável [5].

Após a 40ª Assembléia Geral foi realizada a primeira reunião da "Comissão encarregada de Promover a colaboração com a Igreja na Amazônia" no dia 05 de julho, às 9 horas, na sede da CNBB, em Brasília, objetivando estudar formas concretas de apoio à Igreja da Amazônia. Interpelado pela realidade da Amazônia e por sua fome e sede da Palavra de Deus; sua extensão territorial, distâncias, exploração econômica, insuficiente presença da Igreja, o crescimento do número de igrejas evangélicas, D.Jayme H. Chemello disse que todas estas realidades e desafios estão a nos convocar para uma ação missionária conjunta de toda a Igreja no Brasil. Dentre os vários encaminhamentos ficou para a Presidência da CNBB a incumbência de visitar o Regional N1, N2, N0, e fazer contatos com as pessoas, cujos nomes foram apresentados para a secretaria executiva.

No dia treze de dezembro de 2002, às 9 horas, na sede da CNBB, em Brasília, esteve reunida a Comissão Episcopal da Amazônia, retomando pistas de ação levantadas na primeira reunião:

1. Conhecer a Amazônia, 2004, fazer uma "pororoca".
2. Com as Universidades, criar um campus universitário, um campus avançado na Amazônia – pensar uma grande universidade na Amazônia.
3. Projeto pastoral com a participação de todos os segmentos da Igreja, solidariedade com a missão da Amazônia, envolvendo os organismos e movimentos eclesiais, num diálogo entre as partes, para dinamizar e reforçar o empenho pastoral e evangelizador das Igrejas da Amazônia. Nesta segunda reunião foram acrescidas:
4. Formação presbiteral e de outros agentes.
5. A Mística.

2. Realidade e Desafios Pastorais

A Amazônia constitui-se dos Regionais Norte I, Norte II e Noroeste da CNBB, abrangendo uma área de 3.581.189 quilômetros quadrados. Corresponde a 42,07% do território nacional, portanto quase a metade.

As dioceses e prelazias da Amazônia são de superfícies vastíssimas. Apesar de ocupar a extensão de quase 50% do território nacional, o índice de densidade demográfica na Amazônia é bem pequena.

A "Amazônia" é feita de diversas sociedades, muito diferentes: as sociedades indígenas, as sociedades ribeirinhas, as sociedades em formação nas áreas de colonização e grandes concentrações urbanas.

Durante a 40ª Assembléia a Comissão encarregada da exposição do painel apresentou alguns paradoxos.

- Muita terra e muitos sem terra.
- Muitas riquezas e ao mesmo tempo muita pobreza.

Sabe-se que é uma pobreza produzida ao longo da história por força de relação de explorações, de subordinação de violência política e institucional, a maioria de origem externa. Por isso a Igreja da Amazônia, ao definir as linhas prioritárias da Pastoral, tem presente as transformações econômicas e sociais da Amazônia, na abertura de novas estradas, na criação de novos núcleos humanos, na propagação dos meios de comunicação social, fatores todos enriquecedores e libertadores do amazônida porém, percebem as limitações e perigos que esta mesma realidade apresenta para o homem e a mulher da Amazônia:

- Antigas e novas marginalizações.
- Estruturas inadequadas, importadas ou opressivas.
- Desenvolvimento econômico feito sem ou contra o próprio ser humano.
- Violação de direitos básicos, como a posse da terra.
- Injusta distribuição dos recursos materiais e dos incentivos públicos.
- Divulgação publicitária que, às vezes, altera o enfoque da situação real[6].

[1] Com.Mensal/CNBB, maio 1986, ano 35, n.400, p.709.

[2] 15ª Assembléia Geral da CNBB, 1977, 1º volume.

[3] Comunicado Mensal, CNBB, abril 1998, ano 47, n.520, p.576 ss.

[4] DGAÉ, doc 54.

[5] Comunicado Mensal, CNBB, abril de 2002,, Ano 51, n.560.

[6] Documento da Assembléia dos Regionais Norte I e II da CNBB, Manaus, 1997.

13 de maio de 2003.

3. Assembléia da CLAR

Data: 24 de junho a 03 de julho de 2003.

Local: México. Quinta Soledad de propriedade dos Irmãos Maristas. Casa aconchegante carinhosamente preparada na simplicidade que favoreceu o clima de maior proximidade e de relações fraterno-sororais que se estabeleceram rapidamente entre os/as participantes. Tema: "RENASCER DA CLAR – MÍSTICA E PROFECIA".

Participantes: Presidentes e delegados/as das 22 Conferências dos Religiosos/as da América Latina e Caribe. Destes, apenas os do Haiti falam o Francês. E do Brasil, o "Portunhol". Isto não constituiu dificuldade.

Equipe de Teólogos e Teólogas da CLAR: Ir. Antonieta Potente (Bolívia); Ir. Bárbara Buckner (Brasil); Pe. Ignácio Madeira Vargas (Bogotá); Pe. Víctor Codina (Bolívia); Pe. Simón Pedro Arnold (Peru); Pe. José Mizzoti (Peru).

Convidados Especiais:

Pe. Eusébio Hernandez – Delegado da CIVCSVA – ROMA

Pe. Jesus Maria Lecea – CONFER – ESPANHA

Ir. Leonor García – CONFER – UCEFM – ESPANHA

Ir. Ana Maria Garbayo – UCESM – BÉLGICA

Pe. José Maria Arnaiz – Secretário Geral da USG

Sr. Mario Coleen – Representante da AMA – HOLANDA

Ir. Matew Wade – Conf. Religiosos dos EEUU

Ir. Mayorie Myles – CANADÁ

Pe. Carlos Palmés – BOLÍVIA

Ir. Rodriga Maria Flores – Projeto AFRO – VENEZUELA

Sr. Alejandro Ortiz – Metodólogo – MÉXICO

Do Brasil: Ir. Maris Bolzan (Presidente)

Delegadas/o: Ir. Piedade Costa dos Santos, Pe. Luiz Neis, Ir. Zenilda Luzia Petry e Ir. Maria Inez de Oliveira como articuladora do Projeto da CLAR, Pelo Caminho de Emaús.

A liturgia foi animada por regiões da CLAR

A **assembléia eletiva** desenvolveu-se a partir da metodologia própria da Análise Institucional iniciada anteriormente, na fase da preparação, à luz da passagem de Emaús, de acordo com as seguintes etapas:

- **assembléia se conhece:** acolhida, saudações, dinâmica de conhecimento, proposta de trabalho.
- **a assembléia OUVÉ – Tema: Mística e Profecia** – enfocado por Simón Pedro Arnold, osb, "toda experiência de discipulado implica em viver em permanente dialética entre a experiência mística (encontro interpessoal com Jesus Cristo) e a experiência profética (configuração com a prática de Jesus Cristo).
- **a assembléia se situa e relê o que ouviu:** Leitura Teológica pelos e pelas teólogas e teólogos da CLAR seguida de um enriquecimento pelos participantes.
- **a assembléia recolhe e continua a análise institucional:** Leitura teológica do caminho de Emaús a partir do trabalho realizado nas bases.
- **Memória da CLAR** – Pe. Carlos Palmés.

- **Análise Institucional da CLAR** – leitura teológica
- **a assembléia aprofunda:** leitura teológica dos adendos de propostas.
- **a assembléia discute a proposta da CLAR:** Proposta da Presidência – Aprofundamento teológico.
- **a assembléia elege:** apresentação de nomes para a Presidência.
- **a assembléia cria o projeto CLAR:** elaboração do Projeto CLAR.
- **a assembléia elege:** eleição da nova Presidência assim constituída:
Presidente: Hna. Vilma Esperanza Quintanilha Morán, FSA – Guatemala
1º Vice-Presidente: Hno. Arcádio Bolívar, FSC – Colômbia
2º Vice-Presidente: Ir. Zenilda Luzia Petry, IFSJ –
3º Vice-Presidente: Pe. Rodolfo Capalozza – SAC
4º Vice-Presidente: Hna. Lílían Carasco, MSC
- **a assembléia decide e avalia.**

Atividades extra-assembléia:

Um acontecimento de grande significado foi a Eucaristia na bonita basílica de **Nossa Senhora de Guadalupe**, com as religiosas e religiosos do país convidadas/os pela CIRM (Conferência Mexicana). Após a missa, lanche e convívio. Depositamos nossa missão na CRB, aos pés da **Virgem, Mãe do Céu Morena** que fica situada bem no alto, tendo a seu lado a estampa de Juan Diego a quem se manifestou.

Tivemos também, como promoção da CIRM, uma “*noite mexicana*” com danças apresentadas por alunas e alunos de um colégio e um delicioso jantar típico, acompanhado por um dos grupos de “*Mariachis*” com suas canções nostálgicas e festivas que tanto alegram o coração latino-americano.

Não nos faltou o tradicional passeio costumeiro desses eventos, num domingo a isto destinado. Há muita riqueza da cultura e da tradição do país que não pôde ser visitada devido à escassez de tempo.

Projeto da CLAR 2003-2006

Nestes três anos, a presidência, por mandato da XIV Assembléia na Venezuela, impulsionou uma reflexão e trabalho a partir das cinco linhas inspiradoras da CLAR que, junto com a saída em marcha pelo Caminho de Emaús quis que a Vida Religiosa da América Latina e do Caribe entrasse em uma caminhada na direção do seu renascer no Espírito. Neste processo, viu-se necessário realizar uma análise institucional para que a CLAR como instituição pudesse continuar impulsionando esta marcha do Espírito.

Hoje, nos encontramos, três anos depois, recolhendo frutos e esperanças,

construindo juntos/as o projeto que oriente os próximos três anos, em continuidade ao caminho percorrido.

A metodologia para alcançá-lo supõe uma participação e diálogo constantes da Assembléia. Durante nossa permanência, a assembléia:

- se conheceu,
- ouviu os diferentes informes tanto da presidência e secretariado assim como os dos distintos países de nossa América,
- escutou leituras teológicas e as enriqueceu,
- concretizou um autodiagnóstico da Vida

- religiosa da América Latina e do Caribe,
- debateu adendos de propostas desde o tema da juventude, de gênero e por último, a ética,
- discutiu, analisou e aprofundou a proposta da presidência quanto ao sentido e reestruturação da CLAR.

Em relação ao anterior, o presente projeto é fruto de vários dias de análise, diálogo e debate da Assembléia reunida no México e do que foi recolhido anteriormente.

Neste contexto, a assembléia dá o mandato para que seja colocado em prática, durante o triênio 2003-2006, o seguinte projeto:

A Assembléia viu como **necessidades prioritárias**:

- a) fazer frente à globalização neoliberal desde uma maior humanização e um espírito solidário,
- b) reagir à crise de identidade da Vida Religiosa da América Latina e do Caribe em sua realidade multiforme e pluricultural.

Uma vez que CLAR, em razão de sua natureza, é constituída de pessoas chamados/as ao seguimento radical de Jesus e para constituir uma instituição que tenha a missão de animar e articular a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, em resposta aos desafios da realidade se propõe:

Continuar acompanhando o processo do renascer da Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, respondendo à necessidade de humanização que tem o mundo globalizado, desde nossa vocação mística-profética.

Nesse sentido, é necessário implementar os seguintes eixos de ação:

- a) uma formação que responda à realidade em todos os níveis,

b) um aprofundamento da identidade da Vida Religiosa,

c) uma articulação com diferentes instâncias eclesiais e civis,

tendo como estratégias prioritárias:

a) a continuidade e o fortalecimento do **"Caminho de Emaús"**, na linha mística e profética;

b) potencialização das regiões e fortalecer as Conferências Nacionais, em especial a equipe de teólogos.

c) operando as mudanças estruturais necessárias

d) trabalhando em redes com instituições civis e eclesiais em favor da vida.

As Conferências situam-se como animadoras e acompanhadoras da Vida Religiosa de cada país, em suas regiões próprias, em comunhão com o **Projeto da CLAR**, a partir dos projetos:

- a) Seminários da CLAR,
- b) Justiça, paz e ecologia,
- c) Afro e Indígenas,
- d) "Desplazados" e migrantes,
- e) Vida Religiosa laical,

Criando uma estrutura que, dentro da flexibilidade e do factível seja apropriada a executar tal projeto.

A nova Presidência terá que continuar trabalhando este projeto, recuperando o autodiagnóstico da análise institucional, a proposta da presidência (2002-2003) em continuidade às cinco linhas inspiradoras da CLAR, mantendo o processo da segunda etapa do Caminho de Emaús e elaborando a metodologia necessária para concretizar as perspectivas da última etapa.

Algo novo está nascendo...Uma Vida Religiosa mística e profética.

Ir. Maris Bolzan, SDS
Presidente Nacional da CRB

Espiritualidade – um caminho para a integração

IR. HELENA T. RECH, STS

Esta reflexão não tem a pretensão de fazer “considerações teóricas” sobre a *Espiritualidade Integradora*, nem dar respostas a esta questão, mas de forma simples, quero partilhar convicções e experiências nascidas dos largos anos dedicados ao ministério teológico da espiritualidade.

Quero iniciar compartilhando algumas convicções básicas que alimentam meu ministério teológico-espiritual e minha própria experiência:

- a) A espiritualidade cristã é, antes de tudo, *um dom do Espírito*. Ele é o *mistagogo* do itinerário espiritual de cada pessoa. Ele cava dentro de nós a sede de Deus (Jo 4,7) e ao mesmo tempo sacia nossa sede, nos mergulhando na Fonte Trinitária.
- b) A espiritualidade não se confunde com oração, meditação, contemplação, práticas de piedade, muito embora ela *integre* e se alimente dessas dimensões. Uma pessoa pode rezar muito e não ter uma espiritualidade que ilu-

mine, alimente e dê sentido ao seu itinerário espiritual e à sua vida¹.

- c) O Deus de Jesus, com que me relaciono e de quem tenho sede e faço a experiência, é o totalmente “OUTRO” do discurso teológico e sempre MAIOR do que a experiência que faço dele. Nenhuma experiência espiritual pode abarcar a totalidade de Deus.
- d) A visão bíblico-cristã no que se refere ao ser humano, aponta para uma *antropologia da alteridade*. Nesta antropologia o ser humano é visto como ser de relações, como ser processual e de abertura ao diferente. Como tal, não reduzido ao plano puramente espiritual ou material. Corpo e alma são uma dimensão “dual” daquilo que nos constitui, diferente da dimensão dualista, alma X corpo.
- e) Nestes últimos anos fala-se muito em “Integração” e em “Espiritualidade integradora”. Isso demonstra uma consciência de que somos pessoas desintegradas. Temos igualmente a

¹ Cf. Sobre este tema: RECH, Helena T. “As duas faces de uma única paixão”, Paulinas 1998, pp. 42-57.

² Não é meu objetivo refletir sobre as diversas “espiritualidades”. Atenho-me à espiritualidade cristã.

consciência e a experiência de uma ou de espiritualidades² desintegradas ou desintegradoras.

- f) A comunidade Trina, Deus Pai-Mãe, o Filho e a Divina Ruah, são o protótipo divino da integração humana. A Trindade não é uma comunhão terminada, mas uma comunhão que "se faz" eternamente, pela participação pericorética³ e "integração" de cada uma das Pessoas Divinas na comunidade trinitária. Na comunidade trinitária não existe subordinação, nem exclusão, mas inclusão do diferente, comunhão com a alteridade e unidade na pluralidade.
- g) Jesus é o modelo, o caminho de acesso ao Abba, é a fonte inspiradora da espiritualidade cristã, integradora.

Dito isto, quero chamar a atenção para o título desta reflexão: *Espiritualidade – um caminho para a integração*. Gostaria de acrescentar mais: "... um caminho para o processo de integração de vida". Tanto a *espiritualidade* quanto a *integração* são um caminho processual que entrelaçam o humano e o divino.

1. Um caminho processual

A integração é um caminho, um processo pessoal que não se faz só. Há um protagonismo em parceria, onde interação, a *pessoa* com tudo que é e em suas dimensões psico-efetiva-corporal-espiritual, *Deus*, o(a) *outro(a)* e o *contexto* sócio-cultural, político, histórico, ecológico e religioso.

Em outras palavras, é o ser humano

(homem e mulher) como totalidade que entra no caminho processual da espiritualidade integradora, da experiência de Deus. O ser humano como *soma*, dimensão corporal, *nephesh*, alma, dimensão psíquica, *nous*, consciência e *ruah*, *pneuma*, sopro, dimensão espiritual, estará fazendo seu itinerário espiritual.

Na vida espiritual, como na vida biológica e psicológica existe um dinamismo vital que a constitui, feito de crises, mudanças, fases de crescimento ou paralisia. Tudo isso é processo. O corpo, por exemplo, passa por diversas transformações desde a fase intra-uterina, o nascimento, crescimento, amadurecimento e seu ocaso. Psicologicamente, também, são diversos estágios de amadurecimento da personalidade, de descoberta de si, de crescimento.

No caminho da espiritualidade não é diferente. Neste itinerário processual, a *experiência de Deus* (positiva ou negativa), vai acontecendo nos diversos estágios de nosso crescimento humano-espiritual: na família, na catequese, na escola, nos diferentes grupos, na vida da comunidade, no casamento ou na vida consagrada. Nestas diferentes idades e processos vamos descobrindo quem é Deus, o que Ele significa para nós. Vamos dando "nomes" a Ele, vamos crescendo na intimidade e na relação com Ele ou nos distanciando. Tudo isso, foi e é um processo, um caminho que se faz no cotidiano, passo a passo, dia por dia.

O caminho espiritual, por ser um itinerário que se faz no Espírito, é sempre novo, dinâmico e surpreendente. Diz o Evange-

³ "Pericorese" é uma palavra grega que significa interpenetração, morar no outro.

lho que a Ruah “sobra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai” (Jo 3,8). Entrar no processo, no caminho de uma espiritualidade integradora significa pôr-se à escuta deste “sopro”, que, muitas vezes, se manifesta *no murmúrio de uma brisa suave*, em uma tarde qualquer (1Rs 19,12c).

Não existem pessoas integradas, mas pessoas em *processo*, que cultivam um caminho de maior inteireza, de abertura, de escuta do coração e de discernimento. Pessoas que se deixam “tocar” por Deus, pelos acontecimentos, pelas outras pessoas e pela história. Pessoas capazes de passar pelo processo do *vazio*, da “noite escura”, aquilo que chamamos na língua grega de *Kenoses*, uma espécie de aniquilamento, e permanecer de pé, na inteireza da Fé.

Nestes momentos de *vazio*, de *sombra*, onde nos sentimos *secas(os)*, onde experimentamos a dor como se fora a de “*um espinho na carne*”, descobrimos a alteridade. Despojadas(os) de tudo, fragilizadas(os), percebemo-nos pessoas necessitadas, pedintes e nos abrimos à relação com as outras pessoas e com o totalmente “Outro”, o Deus da Vida. O processo de integração é pessoal, sim, mas ele nos abre à relação com Deus e com as outras pessoas, com a comunidade, com o mundo, pois não nos bastamos e somos seres em relação⁴.

2. Visão unitária ou integradora do ser humano

A visão unitária não se confunde com

o “monismo antropológico” – redução do ser humano ao *espírito* (espiritualismo) ou à *matéria* (materialismo).

Esta visão aceita e valoriza a dualidade básica que nos constitui: *dimensão corpórea e espiritual*. Não existe unidade perfeita. A existência humana é *histórico-co-temporal* e isso traz seus *conflitos, tensões, divisões e vulnerabilidade*. O que vale é a abertura e não a absolutização.

Na visão unitária do ser humano busca-se a integração dos diversos níveis da afetividade. Renúncia e disciplina são necessárias para o amadurecimento integral da afetividade, colocada a serviço de um projeto de vida e de uma espiritualidade.

Tudo o que a pessoa é: *soma, nephesh, nous, ruah, pneuma*, é “imagem e semelhança” de Deus Trindade – unidade da diversidade. Como um todo integrado, se uma destas dimensões sofre, todas são afetadas. Se espiritual e psiquicamente estou bem, todo o meu ser é afetado por este estado de espírito. Se não estou bem em uma dimensão, todo meu ser sente.

*Integrar*⁵ é unir todas as dimensões de meu ser mulher ou do ser homem de forma integral, mesmo experimentando-nos em “cacos”. Como seres humanos somos contingentes. Os cacos são parte de minha totalidade, sou eu, são minha realidade; “não se pode separar o que Deus uniu”, quando Ele carinhosamente se inclinou, juntou um punhado de terra, misturou com água, fez um barro maleável e nos modelou, insuflan-

⁴ Cf. RECH, Helena T., o. c. pp. 31-38.

⁵ INTEGRAR = tornar inteiro, completar, inteirar, integralizar.

do em nossas narinas o seu próprio hálito de vida, sua Divina Ruah.

a) *Articulação corpo-espírito*

Podemos afirmar que o nosso corpo é o ponto de partida para a teologia e também para a espiritualidade. Isso significa que para refletir e falar sobre Deus e seu mistério, nós partimos de nossas experiências humanas, de nossa corporeidade, de nossas vidas concretas, das dores e alegria.

Um dos desafios mais importantes e mais delicados é articular de forma integradora os três níveis: afetivo, biológico e psíquico. A visão dualista tende a reprimir ou negar os impulsos *afetivos, biológicos e psíquicos* como se fossem opostos ao ideal racional e espiritual.

A visão unitária busca integrar esses diversos níveis da afetividade. Corporeidade e espiritualidade não são realidades justapostas ou opostas, mas dimensões inter-relacionadas da totalidade do ser mulher e do ser homem em processo de integração. Separá-las seria um desastre e levaria à frustração e à esterilidade.

A visão da antropologia dualista do ser humano é sempre uma visão de *oposição-exclusão*. Na *antropologia dualista* acentua-se uma dimensão em detrimento à outra. Não existe uma *"relação dialética"*, mas uma *"reversão-dialética"* – valorização do corpo às custas da espiritualidade, afeto em detrimento ao logos, feminino em detrimento ao masculino e vice versa.

Quero ressaltar a importância de integrar nosso corpo na espiritualidade. A espiritualidade integradora é mais do *saber* do que do *saber*, e do *afeto* e do *coração* mais do que da razão. Ela abre espa-

ços para o simbólico, a poesia, a beleza, a arte, a dança, a expressão corporal, o relaxamento. Há alguns anos procuro integrar estas dimensões nas assessorias sobre espiritualidade e nos retiros. Percebo os resultados e as marcas positivas.

A pessoa entra em oração com a totalidade de seu ser. Expressar a experiência de Deus ou o sentimento de ausência dele, através da arte, da música, da dança, do relaxamento é uma forma de ultrapassar-se, de aproximar-se da transcendência e encontrar o totalmente "OUTRO". Já não danço, mas sou dançada(o), não compo-nho música, mas torno-me música de Deus, instrumento musical Dele, sinfonia do seu amor, melodia e harmonia da sua graça. A grande arte não é estar num palco, mas em harmonizar-nos *"de corpo e alma"* e introduzir a beleza e a vida mais plena em nosso itinerário para Deus.

Somos um todo indivisível! O corpo todo sofre e se alegra. A saúde e a doença se manifestam no nosso corpo. A realização não está em ser individualizado e isolado. O corpo se plenifica em relação com outros corpos. S. Paulo na carta aos cristãos de Corínto nos lembra que quando um membro sofre, todo o corpo sofre; quando um membro está doente ou são, todos os outros compartilham com o mesmo (1Cor 12,12-25; Rm 8,18-30).

Nosso corpo é relacional, político-social. Nele ficam registradas todas as marcas de nossa vida, de nossa história. Certa vez, li num livro, que a pele (maior tecido do corpo) é a memória mais fiel de tudo o que nos acontece externamente. É por isso que diante de pessoas ou coisas temos reações inesperadas de repulsa ou de empatia e acolhida.

O corpo é espaço de salvação, de justiça, de solidariedade, de acolhida.

Muitas vezes esquecemos a dimensão da corporeidade. Percebi isso especialmente na Vida Consagrada. Produzir, fazer, estar com agenda cheia... ocupa quase sempre o primeiro lugar em nossa vida. Pouco ou nada nos resta para um cultivo pessoal. Saber parar, dar-se tempo para escutar nosso corpo que pede trégua, repouso, alimento, sol, verde, música, convívio... Quando estamos estressadas(os), caindo de sono e, ao invés de propiciar-nos um repouso que, muitas vezes não passaria de vinte ou trinta minutos, tomamos um café bem forte, um banho frio... pobre corpo! Quase sempre lhe é negado suas necessidades básicas ou o oferecemos, oferecendo-lhe o contrário daquilo que ele nos pede. Ou como nos damos conta de nossos sentimentos mais profundos, nossos desejos e emoções? Não preciso dar outros exemplos. Nós nos conhecemos o suficiente. *"Vinde a um lugar deserto e descansai um pouco. Pois eram tantos os que chegavam e partiam, que não sobrava tempo para comer"* (Mc 6,31). Queremos maior convite de integração?

b) Superação do medo do corpo, sem idolatrá-lo.

Desde o início da vida, a corporeidade penetra toda nossa auto-realização como seres humanos. O corpo não é simplesmente *"organismo vivo"* ou mera *"exterioridade"* ou mero *"instrumento do espírito"*. O corpo é de importância máxima para a experiência que temos de nós mesmos(as) e para a comunica-

ção com Deus, com a alteridade e com a natureza.

A consciência da própria corporeidade é necessária para a maturidade afetiva. A desvalorização do corpo redundará na mutilação da expressividade, da comunicação de sentimentos e prejudica a maturidade afetiva. O corpo fala por si mesmo, comunica, reage.

O próprio Deus se fez corpo, no corpo de uma mulher: *"o Verbo se fez carne e habitou entre nós"* (Jo 1,14). A espiritualidade cristã integradora é *"encarnada"*. A Encarnação foi o caminho que a Trindade escolheu para chegar à humanidade e fazer história conosco. Nosso corpo humano, feito de barro – vaso frágil e quebradiço – tornou-se o *lugar* privilegiado da chegada e da revelação do amor trinitário. *"Não sabeis que o vosso corpo é um templo do Espírito Santo, que habita em vós?"* (1Cor 6,19). O nosso corpo é o *"templo"* santo e santificado, onde Deus Trino faz sua morada.

Portanto, a antropologia cristã é marcada definitivamente pela vinda e encarnação de Jesus: Deus se faz verdadeiramente Homem, assume o coração e a carne humana. A Encarnação de Jesus não autoriza qualquer desprezo da corporeidade, antes valoriza o ser humano na sua totalidade (Mc 2,9-11). Jesus sempre cura a pessoa toda a começar pelas doenças do corpo, doenças psicológicas e espirituais.

O corpo é espaço de salvação, de justiça, de solidariedade, de acolhida, é *lugar* da experiência de Deus, da celebração, da festa, da entrega: *"glorificai a Deus em vosso corpo"* (1Cor 6,20) ; *"... eu peço pela misericórdia de Deus que*

ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus. Este seja vosso culto espiritual" (Rm 12,1).

Ná última ceia, Jesus reparte seu corpo sob forma de pão e escolhe permanecer no meio de nós e dar-se em alimento "*meu corpo doado por vós*", na forma mais singela e cotidiana, num pedaço de pão, alimento cotidiano do corpo, presente em todas as mesas, desde a mais rica até a mais humilde.

Cultivar o corpo para recuperar a *saúde*, combater o *stress*, harmonizar *mente e corpo*, *razão e emoção*, isto é benéfico. A deturpação desumanizante do corpo aparece quando ele é visto como fim em si mesmo.

Temos muitas ofertas para o corpo: ginásticas, academias, cosméticos, bioenergética, Yoga, dança, expressão corporal, cirurgias plásticas, implantes, massagem.... Cuidar, sim. Idolatrar, não.

O corpo valorizado, cuidado, ajuda a integração, pois somos pessoas encarnadas – espírito-na-corporeidade, expressão e mediação do encontro EU-TU. *O medo do corpo está centrado, sobretudo, no domínio da sexualidade.*

Tanto o narcisismo quanto a violência negam a diferença, rejeitam a alteridade, pervertem o sentido da sexualidade. A sexualidade é humanizante quando permite que o outro seja outro, seja o "diferente" e não o domine.

O corpo é expressão de minha feminilidade ou masculinidade, de minha sexualidade integrada ou reprimida, de minha saúde ou doença, de minha alegria ou tristeza, realização ou frustração. O corpo é expressão e comunicação daquilo que sou.

3. Integração libertadora

A maturidade da pessoa humana inclui o desenvolvimento da liberdade, entendida como libertação daquilo que a escraviza e aliena. Resultando daí sua capacidade de *decidir*, de dar uma direção à própria existência. Sem essa *liberdade* e capacidade de escolher, o processo de desenvolvimento e amadurecimento afetivo, perde o rumo, fica desorientado. O ser humano tem a capacidade de orientar a própria existência.

A pessoa vista nas suas dimensões básicas: *corporeidade e espiritualidade*, *razão e afeto*, *individualidade e socialidade*, aproxima-se da perspectiva bíblica que sublinha e valoriza a realidade humana fundamental: a VIDA. Vida enraizada na corporeidade, penetrada de afetividade e Ruah, razão e *nous*, que atribui grande importância ao "*coração*" – sede de sentimentos e afetos. A *integração libertadora* coloca a totalidade do que somos e fazemos enquanto mulheres e homens, a serviço da VIDA. *Libertação integral* para que a vida seja mais plena (Jo 10,10) e qualificada para todas as pessoas, não apenas para umas poucas privilegiadas.

É o ser humano inteiro, isto é, a vida inteira da mulher e do homem que devem estar abertas ao acolhimento do *dom de Deus*. É Deus quem atua na totalidade da vida, possibilitando-nos através do seu amor gratuito e do dom da sua divina Ruah, gestar em nós a mulher nova e o homem novo, à imagem de Jesus (Ef 4,22-24) e de sua maturidade (Ef 4,13).

Nesse processo de integração libertadora, o desejo não é eliminado, a afetividade não é reprimida, a corporeidade

não é negada, mas tudo é orientado para o amor de Deus e do Reino. O amor é o princípio ético prioritário da vida cristã. É a chave da libertação e integração. Como falar do Amor sem a devida valorização da afetividade? Como experienciar o amor e a ternura de Deus Trindade sem o valor da pessoa como um todo? Como estar com o pobre sem reconhecer nossa própria miséria e pobreza interior? Como ajudar na integração e libertação de outras pessoas, sem a consciência de minhas amarras, de meus nós, de minhas carências e necessidade de libertação integradora?

4. Espiritualidade – um caminho para a integração

A modernidade instalou a razão instrumental e analítica como matriz do conhecimento. Tudo passou a ser examinado em partes e o saber passou a ser altamente especializado, porém muito limitado e fragmentado.

O dualismo, também, provocou a divisão entre céu e terra, espírito e matéria, alma e corpo, natural e sobrenatural.

Uma reação contra o dualismo e o olhar analítico da modernidade sobre o ser humano, o saber, o cosmos e a vida em geral, foi o surgimento da *holística*⁶. Este novo paradigma busca a integração da pessoa humana, do saber e do cosmos. As ciências humanas já deram seus primeiros passos para uma antropologia holística, uma medicina ho-

lística, uma psicologia holística e uma teologia holística.

A proposta holística é centrada na busca de *integração*, de unidade e harmonia da vida e do ser humano. Em outras palavras, refazer a realidade fragmentada, restaurar a afetividade, as emoções e sentimentos despedaçados, remodelar e resgatar os relacionamentos desgastados, quebrados e reconciliar os desejos, as práticas e as opções.

Na dimensão da Fé, especialmente na perspectiva da espiritualidade, significa buscar e construir a “unidade interior”, a integração de todo o nosso ser: corporeidade, afetividade, espiritualidade, racionalidade, relações, especialmente de gênero, conscientes de que o finito nunca saciará nossa sede de infinito. O contingente e o transitório não poderão plenificar e preencher nossos vazios e nosso desejo de plenitude. E todas as coisas finitas, as mais belas, as mais magníficas, podem nos apaziguar por um momento, mas não preencher, pois em nós há um desejo infinito que só o infinito pode preencher. A sede de Deus e nosso desejo profundo Dele, são a porta de abertura à transcendência. É por isso que *“o nosso coração anda inquieto enquanto não repousar em Deus”*, único Absoluto de nossa vida.

No processo de integração, a espiritualidade é o abraço, o fio que costura *“os retalhos da colcha de nossa vida”*, é o sentido mais profundo, é vida, é Fé, é amor, é entrega. É como o sabor do

⁶ “*Holística*”, termo grego “*hólos*”, “*hóle*”, “*hólon*” = inteiro, completo, totalidade, unidade integral. “*Holismo*”: tendência que supõe seja própria do universo, a sintetizar unidades em totalidades organizadas.

"vinho novo" que passou pelo processo de amadurecimento da uva, ser moída, fermentada, decantada, filtrada...até ser vinho saboroso.

É o abraço que integra a experiência do nosso passado para podermos compreendê-lo e integrá-lo com o presente e nos abre às surpresas do futuro novo.

Na busca de vivência da espiritualidade cristã – caminho para a integração, o Mistério Santo de Deus Trindade, é um Mistério "*visto, ouvido e tocado*" (1Jo 1,3) na intimidade do coração e ao mesmo tempo na trama do cotidiano com sua conflitividade, desafios, alegrias, surpresas e dores.

A espiritualidade integradora é como uma chama que "*arde sem se consumir*" (Ex 3,3) e pervade todos os espaços de nossa corporeidade, afetividade, consciência, missão, relações e nos convida a "*tirar as sandálias*" (Ex 3,5), pois nossa vida é terra santa, cada irmã e irmão é terra santa, a natureza é terra santa, o pobre é terra santa de onde brota o grito de Deus: "*Eu vi, eu vi a miséria do meu povo, ouvi seu clamor...*" (Ex 3,7).

Nossa história registra atos terroristas, violência, guerras, desigualdades sociais, raciais e de gênero, desrespeito à pessoa humana (especialmente aos idosos, à mulher e à criança), destruição da natureza e fome que mata milhões de pessoas.

Somente uma *espiritualidade integradora* poderá nos ajudar a descobrir o rosto de Deus, presente nesta realidade. Somente olhos iluminados pela graça da intimidade trinitária, pela experiência de seu amor, conseguirão vislumbrar, reconhecer e contemplar os sinais de Deus e

a presença encarnada de Jesus, em meio aos conflitos, as guerras e a violência da comunidade e do mundo.

A espiritualidade integradora nos ajudará a manter acesa a chama do *primeiro amor* e alimentará nosso *encanto* por Jesus e seu projeto, o ardor missionário e a audácia profética.

Sem a pretensão de indicar um caminho quero compartilhar com a leitora e o leitor algumas dimensões desta espiritualidade que nomeamos de *integradora*. A reflexão do que segue, nasceu do contato com muitos grupos de leigas(os), de religiosas(os), em diversos lugares do Brasil, através de assessorias de retiros, cursos e encontros.

a) A integração que nasce da "escuta".

O processo de uma espiritualidade integradora se inicia quando descobrimos o valor, a profundidade e a grandeza de saber simplesmente "escutar". Escutar-se, escutar o(a) outro(a), escutar a Palavra, escutar a Deus, escutar a natureza... escutar a vida. Escutar o silêncio, escutar o vazio, escutar a barulho de uma lágrima que cai ou de um sorriso que se esboça.

Sou testemunha de tantos processos bonitos que aconteceram através do ministério da escuta, bem como de pessoas que aprenderam a *escutar-se*. Escutar seus sentimentos, seus desejos, os impulsos, sua raiva, os movimentos do coração, do corpo, escutar em profundidade "*os gemidos*" do Espírito em nosso interior e na realidade (Rm 8,26). A capacidade de ver-se, sentir-se e *escutar-se*, é uma característica do ser humano. Escutar e escutar-se, é um

aprendizado, sinal de maturidade e integração, mas também um desafio. O caminho da escuta pessoal é caminho para a escuta das outras pessoas e para a escuta de Deus e de sua Palavra.

A *escuta* é atitude existencial em Jesus. É sua mais profunda e fecunda experiência do Abba. A escuta é um convite trinitário. O Pai nos convida: *"Este é meu Filho, o Eleito; ouvi-O sempre"* (Lc 9,35). Ao passar por Betânia e hospedar-se na casa dos três irmãos, Jesus afirma que a *escuta* da Palavra é o mais importante (Lc 10,39). Igualmente Isaías escreve para nós: *"Ele desperta cada manhã meus ouvidos para que eu ouça como discípulo(a)"* (Is 50,4). Os antigos Padres diziam: "felizes os que ouvem a palavra de Jesus e mais felizes ainda aqueles que ouvem o seu silêncio". O convite é ouvir também o silêncio de onde vem a palavra. Não se trata de opor um ao outro, mas de um convite a uma abertura maior de nossa consciência e de nossa escuta. Com simplicidade de coração saber-se ouvinte da palavra que vem do silêncio.

Escutar é uma atitude interior que me coloca em movimento e em relação mais profunda comigo, com as outras pessoas, com Deus, com a natureza – é um caminho de integração.

b) Integração do cotidiano

O processo de integração se dá no cotidiano. Entrar no caminho da espiritualidade integradora, não significa estar à procura do fantástico ou extraordinário, mas entrar no caminho da escuta, no aprendizado de fazer de maneira grande as coisas, pequenas, de

não se preocupar em produzir muito, mas colocar amor no que se faz.

Este caminho do cotidiano é o caminho da sabedoria, onde se descobrem *"tesouros"* enterrados e de onde se é capaz de *"vender tudo"* para comprar este tesouro. No cotidiano, a imagem de nós e de Deus é mais profunda e real. No caminho cotidiano a gente se faz *peregrina(o)* com tantos irmãos e irmãs na Fé. No cotidiano a gente ousa muito mais e até se coloca a caminho como Abraão e Sara acreditando no impossível.

A espiritualidade integradora no cotidiano da vida nos faz descobrir a *sabedoria* que vem do alto e nasce do coração, que brota da terra e do meio dos pequeninos – *"que sabedoria é essa?"* De onde vem esta sabedoria que mesmo em meio a violência, as drogas, as armas, a fome, não deixa a mecha apagar e mantém de pé as pessoas, mesmo quando passando pelo desconforto da "noite escura" ou de um inverno sem floração?

A espiritualidade integradora, no cotidiano e do cotidiano, é muito simples. Atenta aos *sinais* da presença do Amado nas pequenas vivências, nos gestos mais simples e lindos, como aquele de uma menina, cujo nome não sei, mas que gravei seu rostinho e até hoje sinto o calor de seu abraço tão apertado e do beijo, junto com o presente. Foi na comunidade de Vila Ideal, favela da Baixada, onde morei no ano 2002. No dia de minha despedida, no final da celebração, entre tantos abraços, a menina chegou, de forma singela e discreta, desapercibida, mas com tanta intensidade. Com um sorriso largo me abraçou e disse: *tia, muito obrigada por ter ficado com a gente. Não*

nos abandonare. *Volte para nos visitar. Tia Helena, eu te amo.* E estendendo sua mão acrescentou: *este é meu presente.* Entregou-me um porta retrato, sem papel de presente, pois o embalagem era seu amor. O porta-retrato meio empoeirado e o preço de R\$ 1,99 colado atrás. Foi muito significativo. Não tive coragem de pôr o meu retrato, nem de outra pessoa, mas coloquei nele o ícone da Trindade e está sobre a mesa do refeitório de minha comunidade, pois senti ser um presente da Trindade e na mesa trinitária sempre há inclusão, partilha e envio. O meu cotidiano agora é outro, mas as muitas vivências e experiências do cotidiano com os pobres e dos pobres fazem parte do meu patrimônio espiritual.

Como Maria de Nazaré, integrar o cotidiano na espiritualidade é *"guardar a Palavra de Deus e meditá-la no coração"*. Guardar a Palavra de Deus dita na vida do Zé, da Suzana, da Deda, do Edson, da Jô, da Jéssica e da Arlete. Este é um caminho de Espiritualidade muito simples e muito desafiador, porque o cotidiano é monótono, sem muita novidade, são as mesmas pessoas, mas é também cheio de surpresas e permeado de muita vida. É nele que vamos *crescendo em sabedoria e graça diante de Deus e do povo, diante de nós mesmas(os)*, porque o centro não sou eu, mas é Deus e o pobre.

Viver a espiritualidade e a integração no cotidiano é concretizar a *umbilical dependência de Deus*. É não esquecer a condição de criatura e viver na gratuidade e despojamento, compromete-

tendo-se com e como Jesus no cotidiano de uma vida simples e pobre.

c) *Jesus Cristo e seu projeto*

Somos um universo fortemente secularizado e, ao mesmo tempo, não há dúvidas que há uma grande sensibilidade ao religioso, ao mítico e místico, que exige o *sagrado* e faz emergir "Deus" e um grande desejo dele sob diversas formas: uso de velas, incensos, cores, ervas, astrologia, búzios, cartas, cristais, energias e forças da natureza. E para uma satisfação pessoal e psíquica, uma viagem interior com o *"Alquimista"*, de Paulo Coelho. O importante nesta busca é preencher o ego, as emoções, ter experiências intensas, momentâneas e prazerosas, sem nenhum compromisso.

A Espiritualidade Cristã, integrada e integradora, traz a marca do encontro com o Deus Vivo e a experiência de seguimento de Jesus e compromisso com seu projeto.

Jesus de Nazaré é nosso modelo e único caminho de acesso à Trindade. Só o Filho Amado pode nos fazer conhecer o Pai e nos revelar seus segredos (Lc 10,22; Mt 11,27).

A experiência de Jesus é referencial de nossa experiência de Deus Trindade. O teólogo J.I. González Faus, escreveu: "A autêntica experiência de Deus não é uma mera experiência de criaturidade ou de contingência que leva a conhecê-lo como criador, mas uma experiência de filiação que leva a conhecê-Lo como Pai"⁷. Esta foi a experiência típica de Deus. Saber-se Filho Amado, levou Jesus a invo-

⁷ FAUS, J.I.G., *Acesso a Jesus*, Loyola p.45.

car Deus como Abba. Esta experiência levou-O a auto-compreender-se como cidadão do Reino, como parte deste Reino do Pai, do qual fez sua paixão.

A Espiritualidade cristã e integradora acontece no processo de seguimento de Jesus, no discipulado dEle. *Ficar com Ele*, ser sua discípula ou discípulo, comporta o *sair* atrás dele. A dinâmica *Ficar-Sair*, significa aprender dEle a intimidade com o Pai e as urgências do Reino, compartilhar seu Projeto com todas as conseqüências.

O seguimento é uma experiência existencial, é uma experiência de Fê, de adesão e submissão à Pessoa de Jesus e ao seu projeto. E isso só é possível na vivência de uma espiritualidade profunda e integradora, onde Jesus está no CENTRO.

Para isso, é preciso conhecer, aderir, amar e apaixonar-se por Jesus e seu projeto, bem como pelo Deus de Jesus. O Deus de Jesus é o Deus dos/as pequenos/as e dos simples e não dos/as sábios/as, dos/as teólogos/as, dos entendidos/as. É o Deus que se revela como o Deus da graça e do perdão; o Deus da compaixão e da ternura, Pai que encontra mais alegria em perdoar e dar a vida do que cobrar o erro. É o Deus da vida cotidiana, "profana", com suas misérias e alegrias; é o Deus daqueles que não conhecem a lei.

Viver a espiritualidade e a integração no cotidiano é concretizar a *umbilical dependência de Deus*. É não esquecer a condição de criatura e viver na gratuidade e despojamento, comprometendo-se com e como Jesus no cotidiano de uma vida simples e pobre.

Alimentar esta espiritualidade no seguimento e centralidade da pessoa de

Jesus supõe, *esvaziamento, kenosis, renúncia, obediência amorosa, entrega, cruz e ressurreição*. Isso não se aprende na escola de teologia, mas na "Escola de Jesus", seguindo seus passos e entrando no seu projeto.

Seguir Jesus na sua vida pobre e entre os pobres não significa repetir ou imitar o que Ele fez. Mas na singularidade de cada pessoa e na realidade de cada época reassumir sua presença no meio do povo e fazer da sua pessoa o pólo orientador e integrador de todas as dimensões de nossa vida, como pessoas consagradas a Ele e ao Reino.

d) Contemplar com o coração

A espiritualidade integradora nos torna pessoas profundamente contemplativas no cotidiano. Se nos colocamos nas pegadas de Jesus, como discípulas e discípulos aprendizes, vamos perceber que Jesus é um Homem profundamente integrado e profundamente contemplativo. E sua contemplação envolvia todos os sentidos da alma e do corpo. Todas as realidades da vida social, política, religiosa e cultural de seu tempo. Nada passava despercebido a seus olhos, seu coração, a seus afetos, seus gestos, seu sentir, sua ação e oração.

Quando Paulo escreve aos cristãos de sua comunidade que é preciso "rezar sem cessar", acredito que seria este o caminho. Fazer de nossa vida cotidiana uma grande contemplação das passagens de Deus, de seu amor, de seu olhar, do pulsar do seu coração na realidade, de sua compaixão e misericórdia. Aqui está o grande segredo da *espiritualidade integradora, encarnada e comprometida*.

Estamos no Terceiro Milênio. A fome, as guerras, o tráfico de drogas, de mulheres e de crianças gritam aos nossos olhos, quando vemos as manchetes e as estatísticas. É a tragédia de quatro quintas partes da população mundial excluída dos avanços tecnológicos e econômicos nos países pobres.

O tráfico de mulheres e crianças é um negócio multinacional e rende, muito mais do que o tráfico de drogas e armas, porque é mais difícil de se detectar. Os ganhos são inacreditáveis! Na Europa, a cada ano, cerca de 1 a 2 milhões de mulheres e crianças são traficadas. Entre 80 a 100 mil meninas são obrigadas a se prostituírem na Tailândia. Alguns países compram e vendem mulheres como se compram e vendem animais.

Não basta saber, olhar e registrar estes e outros fatos que mexem com nossa consciência. Vale, sim, olhar desde outra perspectiva a realidade e permitir que tudo isso nos alcance mais profundamente, nas entrelinhas do coração, para podermos reconhecer que esses dados frios estão habitados pela presença de Deus. Somente assim entraremos num processo de integração de nossa Espiritualidade com a vida e no processo de "refundação" da Vida Consagrada.

Não se trata de chegar mais perto geograficamente, senão de chegar mais longe e arriscarmo-nos, apesar das nossas limitações e medos. A contemplação e a espiritualidade integradora nos pedirão caminhos concretos de solidariedade. Muitas vezes a solidariedade continua sendo um slogan vazio pelo medo

da perseguição. O nosso olhar sobre a realidade reflete o olhar de Deus? Desde o coração de Deus?

Uma pequena história para ilustrar esta dimensão: *"Sucedeu que morreu uma irmã com fama de inteligente e pressuposta santidade. Ao apresentar-se na porta do paraíso, um ancião venerável a recebeu com imensa alegria e a fez passar à sala de Deus Pai. Assim que o ancião saiu para anunciar ao Pai a recém-chegada, a irmã atraída por aquilo que via sobre a mesa do escritório (curiosidade feminina), se aproximou para olhar. Sobre a mesa havia uma bola do mundo e junto a ela uma lente. Não resistiu à tentação de colocar as lentes... Que maravilha! Podia ver claramente tudo o que acontecia sobre a terra. Dando voltas e mais voltas ao globo terrestre, fixando-se neste ou naquele lugar... estava tão absorta em sua contemplação que nem percebeu a chegada do Pai. Este tocando-a suavemente no ombro e com um sorriso acolhedor, a despertou de seu ensimesmamento. Perdão! Perdão! Repetia envergonhada. O Pai com tom terno e tranquilizador retrucou: não te preocupes, minha filha, está aí para quem quiser ver. Mas... o que olhavas? Pai, respondeu ela, é terrível tudo o que acontece sobre a terra, quantas guerras, sombras, sofrimentos, mortes, fome... Estou horrorizada. É verdade, voltou a dizer o Pai, porém esqueceste ao lado de minhas lentes um detalhe. E colocando sua mão no peito tirou seu coração. Agora vem, coloque novamente minhas lentes e também o meu coração e volte a olhar"*⁸.

⁸ Recolhido na assembléia Geral da UISG em Roma, maio de 2001.

Precisamos abrir os olhos e o coração e situar-nos na mesma perspectiva com que Deus *olha, escuta, desce e sente*, desde dentro da dor do mundo. Deste lugar encontraremos uma resposta adequada à missão ineludível do *"vai, eu te envio ao Faraó para que tires meu povo da opressão"* (Ex 3,10), para que o livres do *"dragão"* (Ap 12,3) do neoliberalismo, do capitalismo, do individualismo e do consumismo que querem lhe devorar os filhos e as filhas.

A contemplação que nos leva à integração não é estática, intimista, etérea. É antes de tudo, colocar-se dentro de Deus Trindade e olhar com seu olhar, sentir com seu coração, agir com seu amor e misericórdia. Como Jesus, deixar-se enviar, *descer* e não se apegar à *"condição de"* consagrada(o), PhD, teóloga(o), pedagoga(o), psicóloga(o), socióloga(o).

Como discípulas e discípulos, entramos na *"escola de Jesus"* e com Ele aprenderemos o que um caminho processual de integração da vida, um itinerário espiritual e um caminho missionário.

O convite de Jesus é para adentrarmos com Ele nos caminhos da vida e da solidariedade, do amor e de novos horizontes, da escuta amorosa e atenta, colando nosso ouvido no chão, como fazem os índios para escutar mais em profundidade aqueles clamores que sobem do cora-

ção da terra. E para não nos perdermos, é preciso manter *"os olhos fixos em Jesus"* (Lc 4,20; Hb 12,2), pois a *espiritualidade integradora* é um caminho processual. É dom e cultivo, é busca e experiência, é compromisso missionário. É, antes de tudo, *um aprendizado no cotidiano da vida, como a simplicidade de uma tenda, de um vaso de barro, da semente que morre e brota silenciosamente da terra.*

Vivemos um tempo conturbado de desafios e incertezas. E esta é a hora de atualizar a imagem joanina da aflição da mulher, quando chega a hora de dar à luz e de sua alegria diante do novo filho (Jo 16,21). É hora de dar à luz uma nova Vida Consagrada, em meio às dores e esperanças de nossa história. É hora da graça, tempo *"kairós"* para gestarmos uma espiritualidade que nos integre e sustente, que nos desinstale e despoje de nosso individualismo e nos abra e encante como Jesus, pelo Pai e pelos pobres num compromisso solidário e profético.

A autora é religiosa da Congregação das Servas da SSma. Trindade, doutora em teologia, assessora de retiros e cursos a nível nacional, membro da Diretoria da CRB Nacional e Presidenta da USGCB (União das Superiores Gerais de Congregações Brasileiras).

Endereço da autora:

Rua Domingos de Santa Maria 395
04311-040 - Vila Guarani (Jabaquara)
São Paulo / SP Telefone (11) 275 8923
E-mail: helenarech@ig.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Partilhe na comunidade: o que lhe chamou mais atenção na leitura deste texto e quer destacar como importante?
- 2- No processo da espiritualidade integradora, como se percebe e como percebe a Vida Consagrada?
- 3- Das várias dimensões deste processo de integração da espiritualidade, que aspectos precisam ser mais cuidados e investidos na sua comunidade e na Vida Consagrada?
- 4- Estamos no "Ano Jubilar" da CRB. Nesses 50 anos como foi se dando este processo da espiritualidade na VC do Brasil?

Espiritualidade e diálogo

– Uma reflexão sobre o princípio dialógico de Martin Buber –

FREI MIGUEL KLEINHANS, OFM

1. Introdução

Desde 1997 ajudo na orientação espiritual dum mosteiro de irmãs de vida contemplativa. Foi o fundador do mosteiro das Irmãs Concepcionistas em Floriano /Piauí, Dom Fernando Pânico, MSC, que pediu minha colaboração, já que a Ordem da Imaculada Conceição (OIC) é, desde a sua origem na Espanha vinculada à Ordem dos Frades Menores.

Durante as nossas conversas percebemos claramente a importância da espiritualidade para a vida religiosa e a entendemos a partir do diálogo. Dialogar com Deus, que faz sua morada nas pessoas, e que mora, ao mesmo tempo, numa luz inacessível – isto nos pareceu um bom ponto de partida para a espiritualidade, já que o é uma das grandes palavras – chave do nosso tempo. Como então dialogar com o/a próximo/a? Como um diálogo assim pode-se elevar a Deus? Existe uma linguagem adequada que descreve respeitosamente nossa experiência de diálogo com Deus na oração?

Perguntando assim, recorri aos princípios de diálogo do grande mestre judeu Martin Buber (1878-1965), e achei na explicação dele as respostas. A linguagem da antropologia filosófica consegue, realmente, aproximar-se do mistério. Buber aponta realidades que simplesmente existem, mostra uma reali-

dade que já tem escondidamente e realça sua importância.

É claro, que diálogo vai além das palavras, pois a pessoa, como ela é, entra nesta comunicação. O diálogo através das palavras fica transparente à pessoa que está atrás. No diálogo, então, duas pessoas se dão. Analisando a palavra, diálogo significa: sentido a dois. Este diálogo pode bem revelar o sentido último da vida que é o Deus escondido. Porém algumas condições devem ser observadas:

a) Eu devo conhecer bem, quem eu sou. Devo ter clareza sobre minha identidade pessoal, social, grupal, congregacional e espiritual. Um bom projeto de vida ajuda neste passo. Devo também saber, que minha última identidade está sempre com Cristo escondido em Deus (Cl 3,3), e que sou definitivamente assumido por Deus.

b) Preciso ter grande respeito à pessoa do/a outro/a. Ela está habitada por Deus como eu. A faísca divina pode estar muito escondida no/a outro/a, mas está lá. Não devo me deixar enganar pela aparência do/a outro/, pela imagem, pela moda ou pela condição social. Deus sempre mora na pessoa e ela merece meu maior respeito.

c) A maneira de dialogar deve ser sincera. Prejuízo, estresse, correria, malque-

rer etc. não devem entrar. Não devo querer puxar o diálogo para minha vantagem, ou entrar já com um resultado pré-estabelecido. Isto seria um pseudo-diálogo sem a abertura necessária e usaria a outra pessoa para meus propósitos.

Todo este contexto vale de refletir bem. Afinal Deus dialogou conosco através de Jesus Cristo. Um bom diálogo leva automaticamente à espiritualidade. Como acreditei que uma boa espiritualidade não é apenas importante para a vida contemplativa, decidi de partilhar minhas reflexões, seguindo as exposições do grande filósofo judeu Martin Buber.

2. A gestação do eu

Já foi dito que o diálogo é mais do que conversar. Ele é a gestação do sentido entre duas pessoas. Elas se enriquecem umas as outras em vez de se entregar, se reconhecer como ilimitadas e entrando de boa vontade nesta dinâmica.

Tem palavras básicas: eu, você, coisa. Estas palavras sempre são pronunciadas com toda essência da pessoa. Ao dizer EU, entra a totalidade do meu ser na palavra. O mesmo vale quando pronuncio a palavra VOCÊ. Quem pronuncia uma destas palavras, sempre entra nela e fica nela. Quando pronuncio estas palavras pronuncio também algo ilimitado. As coisas têm limites, mas as pessoas não, porque têm suas últimas raízes em Deus, que é ilimitado.

Fica, também, claro que há relações entre os dois. Para ser sincero, ninguém deve reter nada de si nesta relação. Se não eu apenas brinco com o diálogo e escondo leite. Assim corro perigo de

quebrar o mistério ou de quebrar a mim. A profundidade do mistério não aguenta falsidade. Porém feito com sinceridade o diálogo efetua em mim e eu nele. No diálogo com Deus a relação fica mais escondida. Ele se revela sem palavras ouvidas e nós respondemos pensando, falando e agindo. Quem vai negar, que há relação aqui? E, para a relação com Deus, se requer a mesma sinceridade que na relação com as pessoas. Nunca se deve reduzir o último mistério do/a outro/ a uma imagem (por ex. o avarento, a brigona / ou no caso de Deus: o bezerro de ouro). É difícil de agüentar o mistério puro. É humano fugir para imagens ou ritos, mas não o devemos sob a pena de extinguir o mistério.

Entendido assim, a verdade antropológica parece um triângulo. O EU e o VOCÊ são abertos para cima, i.é, para o amor supremo. O amor está entre os dois. Este amor supremo agora é gratuidade pura, elevação, parada silenciosa e presença última. Não é só o sentimento de amor, nem é a paixão. Sentimentos acompanham o amor supremo, mas não são o amor. Um casal, por exemplo, não pode viver só de sentimentos e paixões, mas pela abertura incondicional ao amor supremo, que age e constitui o casamento. Pois vivendo a relação com abertura se acha também um caminho para Deus.

A relação entre EU e VOCÊ não conhece um meio entre os dois, sem nenhum objetivo, nenhuma fantasia ou norma. Esta relação vai direto. Qualquer meio é obstáculo. O verdadeiro encontro só se dá sem meios. Só neste encontro há crescimento. O EU cresce e

amadurece no/a outro/a e na dinâmica do diálogo. Somos assim, porque nos permitimos o diálogo e o encontro com o amor supremo, que nos constituiu. Assim ocorre a formação da personalidade. Dentro de nós vive inato um germe da relação. Pelo encontro concreto com uma outra pessoa, este germe se ativa e se realiza concretamente. O que existe inato na gente se complementa pelo real e inicia-se um processo de formação. Desenvolve-se aos poucos na nossa vida a personalidade. Ela amadurece no encontro com os/as outros/as e pela abertura ao amor supremo. Pela relação estamos então diante da gestação do verdadeiro EU.

3. A tragédia do mundo moderno

Assim, o último elemento constitutivo da personalidade é o amor supremo. Este amor só se experimenta no silêncio e na palavra que vem antes da linguagem. Aqui vive o espírito, que é. E aquele/a que tem mais silêncio, tem mais acesso ao amor supremo – formador da personalidade. Aquele/a que tem esta faísca divina dentro de si, não vive muito preocupado/a com o mundo. De uma pessoa assim, flui normalmente a vida, a esperança e a consolação para o povo. Esses dons, agora, são sempre mais necessários ao mundo, que se coloca pela negação do espiritual na tragédia da pura imanência.

Então, em que, concretamente, consiste a tragédia do mundo moderno? Ela consiste na negação ou diminuição do espiritual e do amor supremo. Tudo é imanente e tem sua única explicação apenas aqui. Assim se cria um fantas-

ma, uma mula sem cabeça e uma degeneração. Pois nada amadurece apenas pela matéria e sem o princípio formador da personalidade, que é o amor supremo. Esta filosofia, entrando na vida social, gera o caos do desumano. Só se ganha a ditadura do material e do econômico e a mutilação interior das pessoas. As pessoas sofrem com esta negação, pois a semente do eterno fica nelas. A participação ao amor supremo é inerente nelas e fica sempre vivo. Quantas mentiras, afinal, se inventam para cortar ou velar a última verdade espiritual das pessoas. Mas jogos assim agravam o caos. E agravam, também, o perigo espiritual destes criadores da mentira. Aqui se gera um egoísmo material, ganancioso, que quer isolar o/a outro/a. Jogando este jogo se nega a profundidade ilimitada das pessoas. Como a dinâmica de ser pessoa sempre age, a direção dela vai para dentro do EU de novo, e reforça ainda mais o egoísmo. Agora o mal reforçado por fontes subterrâneas, escapa de qualquer controle e se aprofunda ainda mais. Aqui estamos no limite da vida espiritual e no perigo iminente do pecado mortal, que sempre é a negação consciente da plenitude da vida para todos/as.

Neste contexto, a vida religiosa tem uma missão enorme. Deve lembrar ao mundo decaído o amor supremo. Deve corrigir e resgatar da mentira e do caos. Deve mostrar ao mundo a salvação pela vivência autêntica do espiritual.

4. A verdadeira mística cristã

Como então se realiza o verdadeiro diálogo com Deus? Ele também é pes-

soa, um VOCÊ. A humanidade aprende dos erros como se entra no verdadeiro diálogo com Deus. Alguns destes erros são muito comuns, até hoje. Todos eles reduzem o amor supremo, mesmo quando são feitos na maior benevolência. Aqui, alguns deles:

Como somos humanos, precisamos de expressões, normas e imagens. Queremos explicar Deus, que não tem explicação. Ele é absoluto. Mas mesmo assim fazemos dele sempre uma explicação. Forçamos o ilimitado sempre de novo em nossos esquemas. Dizemos: "Deus é assim". Fazemos de Deus uma coisa conforme o nosso ser limitado. Ele deve caber em nosso mundo. Fazemos dele, às vezes, uma justificação das nossas idéias. É uma tentação enorme de fazer dele um objeto de fé e de culto, algo que é fixo, estável e que sempre de novo posso tratar. Daí deduzo normas de fé para o povo e peço obediência. A partir do humano, esta atitude é explicável, não devo nunca fazer de Deus um objeto estarecido. O maior perigo nisso é que, aos poucos, as nossas normas e explicações substituem o verdadeiro Deus. Sempre devemos nos lembrar que ele é o totalmente outro. Nunca podemos, em momento nenhum, possuir Deus. Deus não é nunca objeto de posse. Quem reduz Deus a isso é o verdadeiro ateu e a oração dele cai no vazio.

Um segundo erro na mística cristã vem do esquecimento e da anulação da dinâmica entre EU e VOCÊ. Achamos que a mística não precisa mais da mediação humana. Acreditamos que depois de muita meditação caímos numa felicidade a-pessoal e sem o mundo real. Mas

isto é o caminho de muitas religiões orientais. Isto não é cristão. Isto vem quando valorizo demais a união entre EU e VOCÊ e esqueço, com isso, a polaridade humana fundante. Mas uma realidade interior só existe, na verdade, quando tem seu efeito cambiante. Quem só tem sua atitude espiritual na alma é irreal, sem valor e contradiz a encarnação de Deus em Jesus Cristo. Mas a mística cristã tem seus dois pólos. Devo viver com as pessoas reais e nesta vivência alegre e sofrida experimento a união mística. Assim a mística cristã não se solta do mundo, mas a fundamenta. Neste processo ela vai além dos nossos sentimentos, que apenas acompanham a elevação mística.

Discutindo os erros no caminho da mística cristã se percebe também o caminho certo. Ele é uma realidade além dos nossos sentimentos e acontece sem palavras. Ele tem seus dois pólos e se gera no relacionamento dos dois. E, afinal, ele é a experiência do totalmente OUTRO, que não deve ser fixado em nossos esquemas e normas de explicação.

Quem viveu de maneira exemplar esta realidade mística-dialogal foi Francisco de Assis. Ele reconheceu a abertura ilimitada no próprio EU e nos/as outros/as. Relacionou-se com os outros no humano e prolongou esta experiência até encontrar o eterno VOCÊ, a pessoa divina na experiência mística. Houve diálogo com o leproso, com a irmã Clara, com o sultão e, afinal, com Deus na hora da sua estigmatização no Monte Alverne. Sempre iniciou no humano, às vezes, muito diferente dele. Houve o estado social diferente (leproso), o gê-

nero diferente (Clara mulher), a cultura e religião diferentes (sultão) e o totalmente outro (Deus). Sempre o diálogo a partir do humano o levou ao divino. Todo humano foi caminho a Deus para ele e na chegada sempre reconheceu e incluiu o caminho como mediação da própria experiência. O diálogo o levou a Deus.

E, afinal, o que se dá conosco na experiência mística? Quais são os efeitos disso em nós? Primeiro, experimentamos em nosso ser algo mais, algo acrescentado. Recebemos algo que antes não tínhamos e o recebemos sabendo ao mesmo tempo, que é dádiva. Não é um conteúdo que recebemos, mas uma presença, que experimentamos como força. Isto inclui a plenitude duma real reciprocidade pessoal. E não podemos dizer, como este mistério se dá. Junto vem o sentido da vida confirmado, pois não existe mais a pergunta, porque vivemos. Nosso mundo está plenamente incluído nesta mística. Nós nos aproximamos de Deus, mas não podemos revelar o seu ser. Experimentamos salvação, mas não solução ou explicação. Não podemos com isso ensinar, mas devemos testemunhar. Em qualquer caso, saímos desta experiência suprema diferente do que entramos. Somos cheios de graça, e não sabemos como isto se dá.

5. Uma comunicação sem palavras

Levando tudo isto a sério, devemos admitir que a comunicação não depende unicamente das palavras que saem da boca. Há uma comunicação silenciosa, mas muito essencial. A linguagem

não precisa necessariamente dos sentidos e fica, mesmo assim, linguagem. Mudanças pessoais-essenciais, por exemplo, irradiam por si mesmas e são captadas pelos/as outros/as sem dizer palavras. Se isto acontece, realmente ocorre, na transmissão natural do ser, algo mais do que a conversa diária por palavras. A palavra dialogal, sacramental foi proferida. De repente, o diálogo humano subsiste sem sinal, pois na casa da linguagem existem muitas moradias. Agora, terminam de vez as opiniões, ninguém "acha" mais nada: tão real e verdadeiro é este diálogo sacramental. Esta linguagem não tem alfabeto, cada som dela é uma nova criação, e só assim ele é também entendido.

As origens de uma comunicação assim, devem ser as camadas mais interiores da gente. Fica claro que se precisa de autonomia pessoal e uma identidade bem definida para chegar a tal profundidade de um diálogo. Precisa-se também de gente bem concreta, pois esta experiência não acontece simplesmente no ar. Acredito que, neste nível, acontece também a comunicação religiosa, por exemplo: uma conversão ou uma vocação. De vez acontece algo, a experiência dum ser diferente e nós – tão sem substância e rumo – fomos entregue à plenitude, como se fosse um assalto. A força religiosa elevou e nos exaltou. Normalmente tudo começa com algo bem cotidiano. A terra em que vivemos e o barro, de que fomos feitos, sempre iniciam nossas experiências. Mas, com um toque, tudo fica transparente – não anulado – e a vida normal e seus negócios transfiguram, ilumi-

nam-se pela força de um raio, sem tempo e sem sequência. Nada mais se pode dizer. Se isso for religião, que religa o profano ao sagrado, então é tudo. É tudo vivido na sua possibilidade de diálogo. Tocamos na oração em profundidade e na mística nas alturas.

A pergunta porém vai ainda mais longe. Quem é o dono desta voz? Experimentando isso assim, será que estou sujeito a enganos e interpretações erradas na minha consciência? Não interpretando bem, uma experiência pode me levar a um beco sem saída na minha vida? Mas, analisando as experiências espirituais da minha vida chego também a um conjunto. Quando analiso todos os poemas de um poeta e todas as músicas de um compositor, posso me aproximar mais ou menos da personalidade do artista. Porém cada um/a deve dar a sua resposta. Vai haver uma resposta sim, e ela é minha. A partir dela eu arrisco o meu pulo de fé para Deus.

6. Análise crítica da transcendência, amor e diálogo

Será que é possível viver hoje a transcendência com todas estas pessoas frágeis do mundo de hoje? É raro um diálogo verdadeiro. Sem ele, também não há verdadeiro amor. Tudo começa a roer e evaporar, quando algo no interior é retido – mesmo sem declarações e palavras. Quando não entrego tudo confiantemente no diálogo, crio limites e entra areia na engrenagem. Os motivos da retenção podem ser muito variados: sentimentos de culpa, falta de coragem, timidez, o desejo de agradar etc. Mas uma coisa é certa: o diálogo vivo é um

mistério sensível. Não se brinca com isso.

Um duplo desafio vem do mundo moderno. Querendo dialogar na era da tecnologia de ponta pareço ser um ilusionista. Então seria toda esta abordagem para o mundo de hoje apenas um conto de fadas? Quais são as respostas? Primeiro, devemos constatar que o mundo dialogal não é dividido. Diálogo não é um luxo para gente ociosa. Não há para o diálogo um exílio chamado trabalho e uma pátria chamada folga. O mistério é um só. Colocar sinais de abertura e retribuí-la com generosidade, tudo isso não pára nas portas do mundo moderno de hoje. Nosso mundo não é tão estranho de impedir um gesto dialogal em qualquer circunstância. Nestes parâmetros vivemos na unicidade entre mundo e mistério, sim. Talvez seria isto um desafio: levar a sério o diálogo, na empresa, entre os membros. Seria um passo decisivo rumo à humanização deste caos econômico, digital, degenerativo. E isto, sem diminuir o sucesso de uma empresa, pois trabalhadores/as levados/as a sério no ser humano trabalham com mais gosto e dignidade. Finalmente o sentido acontece no meio de nós. Seja no trabalho, na família ou na vida religiosa o diálogo leva à transcendência amorosa, e ela constrói definitivamente a profunda experiência da unidade. Aqui o mundo espera seu maior avanço.

7. A singularidade concreta – gestação e consequências

Cada diálogo concreto precisa de pessoas concretas, definidas, determinadas

e singulares. Gente sem forma e com pouca essência não entra bem em nenhum diálogo. Chegamos então à singularidade concreta, e como ela é importante para o diálogo e o sentido. Pois sem ser singular também não tem amor. O caráter de vida é simplesmente recíproco e só na determinação de um EU-SINGULAR e de um VOCÊ-SINGULAR se gera o mistério. Por ser singular, determinado e dialógico, participamos do mistério de Deus. Desenvolvendo-se rumo a um ser singular cada um/a vai achar a verdade dentro de si. Porém não há ensinamento e aula para isso. Lançando-se a este caminho é muito mais uma arte que leva tempo a amadurecer.

Como se chega então a ser singular e a ser uma pessoa inconfundível? Primeiro a pessoa deve se lançar fora de si, deve aceitar desafios e deve ser ousada com o próprio ser. Muitas vezes a Bíblia fala que a fé é uma ousadia. O texto padrão é Gênesis 12,1, quando Deus lança o apelo a Abraão: Sai da tua terra. Ele deve se soltar de vez de todas as ligações que deram até agora a segurança na vida dele, e tentar algo novo. Isto vale, também, para a pessoa singular de Abraão que está em formação. Toda confiança do próprio ser fica agora como estranho, os passos são inseguros, mas aí começa o pulo da fé. Dado com confiança e coragem ele vai formar a singularidade da pessoa. Isto tem a ver também com obediência. Sem ela, Abraão não teria saído da sua terra e nunca se tornado aquela pessoa singular e inconfundível. Sem a obediência ao Pai, Jesus Cristo não se teria encarnado aqui no meio de nós. Obedecen-

do, porém, ele se lançou, viveu o seu ser divino no meio humano e se tornou a pessoa singular, bem distinto do Pai, e ao mesmo tempo plenamente dialógico a ele. Tão importante é a singularidade para o diálogo. Mesmo na alta mística não elimina o elemento da singularidade pessoal.

Uma posição assim tem consequências. A primeira é o dever de dialogar. Se a arte de se tornar singular fez efeito, se sou reconhecido como uma pessoa inconfundível, não devo enterrar o meu talento no campo. Não posso me contentar apenas com o alcançado sem olhar de novo para a pessoa ao meu lado. Não posso desfrutar minha singularidade com o orgulho de ter algo alcançado. Não posso entrar em férias, pois nenhum ser dá certo sem a participação no ser do/a outro/a. Com isso, os fundamentos da singularidade têm sempre a ver com a essência do/a outro/a. Para crescer e amadurecer devo sempre intencional e confirmar o/a outro/a no seu ser diferente. Nada se pode cortar aqui, restringir, manobrar ou fazer de conta que o/a outro/a é mais conforme a minha imaginação. Isto seria guardar o maná do amadurecimento para o dia seguinte, mas a Bíblia conta que, então, apodreceu. Pois neste processo se acha o Deus da vida. E ele é um só.

Mas a questão vai ainda mais longe. Não vivemos apenas o relacionamento EU e VOCÊ. Vivemos em fraternidade – irmandade e vivemos um coletivo: o NÓS. E aqui nos espera mais um perigo para o diálogo. Como não devo cortar o/a outro/a do meu amadurecimento

singular, também não devo deixar que o grupo domine a minha individualidade. Falo da nossa acomodação, do perigo eminente de nadar com a corrente. Como se nada pudesse fazer do que participar apenas do movimento de um grupo. Assim nunca mais estaríamos numa encruzilhada e nunca mais se precisa singularmente optar em favor de uma ação certa individualmente. Assim a decisão coletiva vale (a madre disse... , o bispo decidiu). Mas íamos sofrer a queda da nossa fé. Ela ia perder sua vitalidade, ia se perverter em ilusão e auto-engano, sufocando as bases do próprio ser, em que Deus quer se revelar. Infelizmente uns anos atrás, antes do Vaticano II, isto foi o modelo preferido da fé na vida religiosa. Com um desrespeito à verdade dialogal assim não é para admirar que este modelo não ajudou na plenitude vital da vida religiosa e levou necessariamente a muitas saídas

Fica claro, então, que a norma coletiva nunca pode tomar o lugar do pessoal. As normas não têm a profundidade ilimitada duma pessoa direcionada ao mistério. Normas, constituições e estatutos na nossa vida precisam sempre da adesão humana. É lógico, também, que o comportamento pessoal é influenciado ou modificado pelo convívio. Mas fica o ser transcendente da pessoa que se pode transformar em convicção e estourar, a partir da consciência, os parâmetros de certas normas. Ou, como vai se dar uma necessária correção fraterna? O desejo, da verdade, baseado no último mistério da vida, individualmente entendido, pode corrigir sim, os vínculos do convívio fraterno.

Assim, para não nos corromper nunca devemos soltar as regras da sua base existencial, transcendente. A negação disso seria fatal para o convívio entre irmãos e irmãs.

Como a pessoa singular é importante para um processo assim! Conscientemente, ela tem o lugar central da luta de como a fraternidade – irmandade se aproxima ou afasta de Deus. As batalhas decisivas acontecem no interior da pessoa. Parece um batismo de fogo de vez em quando, mas sem este mergulho corremos o perigo da morte interior e da insignificância total para o povo. E não podemos escolher a situação concreta e, também, não garantir a vitória de antemão. A situação, às vezes cruel, lá está, mas a resposta do meu ser singular deve ser lançada. Ela é no seu alcance último também minha resposta lançada ao Deus da vida. De pessoas deste tipo se precisa, e não apenas representantes de opiniões. Da responsabilidade delas sempre vai se renovar a vida fraterna.

8. Como dialogar realmente?

Depois desta reflexão toda, se levanta necessariamente a pergunta: Como dialogar realmente? Como incentivar o diálogo entre duas pessoas de uma maneira que ele gera o sentido da vida e o mistério divino? Devemos discutir alguns perigos e alguns acertos:

Primeiro, devemos cuidar de reduzir a experiência dialogal apenas à área da psicologia. Ela é muito mais. Além disso, ela nunca deve se confundir com o mundo das aparências. Vivemos hoje esta tentação diariamente. E é tão gostoso

de ter um título acadêmico, uma posição de honra, mais dinheiro e mais status. Pior ainda, quando estas aparências orgulhosamente mostradas não correspondem à profundidade dum ser pessoal e quando fantasmas do palco circundam e representam a pessoa verdadeira com seu último mistério para Deus. Assim qualquer conversa não confirmada pelo ser pessoal vira falação e destrói o diálogo na hora. Parece hoje as vezes que negamos ou desvalorizamos o mistério entre as pessoas em favor da aparência e do lucro, mas isto seria também a nivelção do mistério e uma força destrutiva do diálogo. Igualmente destrutivo é o jogo de qualquer propaganda. Sugere-se uma atitude ou um comportamento ao/a outro/a duma maneira, que as pessoas acham que o resultado vem do próprio EU. Não há dúvida, que temos o aparelho técnico e psicológico para tal manipulação já faz tempo. Às vezes o propagandista nem mesmo acredita naquilo que vende, mas mesmo assim faz a manipulação de massas e destrói assim, qualquer real diálogo pela mentira. Este meio leva afinal à anulação definitiva do elemento humano. Tudo isso funciona bem, beneficia a poucos e desacredita no fundo o valor do diálogo humano na opinião pública.

Mas, graças a Deus tem também o reverso da medalha. Onde tem fracassos também tem acerto. Ser pessoa então sempre significa de se soltar do mundo dos objetos apenas. A ação oculta do ser e a base essencial no nosso íntimo são sempre mais fortes. Estamos aqui diante do privilégio de ser gente. A área do intra-humano não se acha em jogos ou em objetos de cobiça, mas no intercâmbio de pessoas livres, que se dão sem restrições. Assim ocorre o diálogo verdadeiro. A linguagem apenas expressa esta relação de sentido. Melhor ainda, quando antes do diálogo a pessoa tenha a simplicidade e a pureza do coração, uma atitude então, que retém dentro da pessoa o egoísmo, a vaidade e outras forças negativas para brotar melhor a água cristalina do mistério para o diálogo. É a atitude dum pobre peregrino predestinado para ser príncipe. Assim toda essência verdadeira da pessoa aparece e se torna confiante. Contribui espiritualmente sem restrições e manipulações. Supera as aparências e coloca a base para qualquer diálogo sincero: a autenticidade do próprio ser.

Endereço do autor:
Paróquia Nossa Senhora da Glória
Caixa Postal 329
65001-970 São Luís - MA

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Porque o tema diálogo tem tanta importância na sociedade atual?
- 2- Porque, não se pode prescindir da atitude dialogal na orientação espiritual, no discernimento vocacional e na vida das comunidades religiosas?
- 3- Como sua comunidade procura levar à prática essa atitude profundamente cristã?

Fica conosco, Senhor, pois o sol já declina...

Reflexões sobre a terceira idade

FREI ANTÔNIO MOSER

Quando me foi pedido para escrever sobre a terceira idade, levei um susto: será que já estaria chegando minha hora de reconhecer que estou ficando velho? Não é possível... afinal... nunca me senti tão bem, e ando mais acelerado do que nunca... Estou atuando em muitas frentes... e sem sentir cansaço... Continuo tendo a sensação de que minha vida ainda terá outros desdobramentos: é como se tudo ainda estivesse por começar. Ademais, velho, doente e morto é sempre "o outro"... É sempre o outro que vai perdendo a rapidez dos gestos e do raciocínio, e vai ficando gagá... Nós sempre nos sentimos fora disto... Só que, em meio a estes raciocínios de racionalização em benefício próprio, talvez convém reconhecer que só "acelera" e quer fazer tudo ao mesmo tempo, quem, inconscientemente, vai percebendo que o tempo fica mais curto...

Por sorte, quase ao mesmo tempo, recebi um convite diferente. Desta vez era para celebrar os 100 anos de um senhor, chamado Sílvio, que, todo lépido, lúcido e bem humorado, me fornecia os primeiros elementos para refletir sobre meu possível futuro. Junto do altar, momentos antes de iniciar a celebração, ele me dizia: "há velhos que ficam ranzinhas... há velhos que ficam chorões... ressentidos... grosseiros... há velhos que ficam babões ao verem passar alguma menina bonita (e deu um risadinha marota)... Mas também há velhos que estão sempre alegres,

colhendo os frutos do que plantaram ao longo da vida...". E o Sr. Sílvio concluía: "pois eu não sei como serei quando chegar minha velhice... por ora só completei 100 anos...". Com certeza ele se considera ainda relativamente jovem.

Foi movido por esta dupla impressão, do choque de uma tomada de consciência de minha condição existencial e do otimismo de um senhor centenário, que aceitei o convite para escrever este artigo. Pensar, de maneira proveitosa, sobre as perspectivas da terceira idade pressupõe, antes de mais nada, que se recolham alguns dados, não apenas estatísticos, mas sobretudo culturais e teológicos. Em seguida, convém sinalizar os principais desafios com os quais, normalmente, se deparam as pessoas "leigas" que chegam à terceira idade. Finalmente, convém apontar mais especificamente para os desafios que costumam enfrentar os que se consagraram à VR, e portanto, não se encontram rodeados de filhos e netos para caminhar ao encontro do pôr do sol. Entretanto, me dou conta de que não me encontro apenas diante do desafio de mais um artigo, mas sim diante do desafio de pensar mais seriamente sobre meu possível futuro, já não mais tão distante. Para fazer isto me apóio em algumas leituras, indicadas no final, mas, sobretudo, farei minhas próprias observações e reflexões, tirando assim as primeiras vantagens da minha própria experiência de uma vida

já relativamente longa.

1. Caminhando entre flores e espinhos

Há muito ouvimos falar dos países europeus, como países onde se encontra o maior número de pessoas de cabelos brancos. Enquanto lá cresce o batalhão das pessoas de terceira idade, nós aqui no Brasil seríamos um país onde ainda predomina a juventude. Esta última assertiva é relativamente verdadeira, pois já temos 15 milhões de pessoas que ultrapassaram a barreira dos 60 anos, e dentro de 20 anos este número deverá dobrar. Esta poderia ser uma boa notícia, se estivéssemos nos preparando para esta nova realidade. Infelizmente isto não está acontecendo. Por esta razão, enquanto muitos europeus colhem flores, para a maioria das pessoas de idade brasileiras, sobram só espinhos e abrolhos, e não há sinais promissores no horizonte. Daí a questão: será bom sonhar com a terceira idade? Depende...

1.1. *O sonho da eterna juventude conjugado com idade avançada*

À primeira vista é muito fácil entender o que significa terceira idade, pois bastaria lançar mão de algumas observações físicas, psíquicas e espirituais para enquadrar estas pessoas: têm cabelos brancos?; são ou estão ficando carecas?; esquecem alguma coisa com certa frequência?; estão meio alquebradas?; apresentam dificuldades de controle nas funções biológicas?; já fizeram implante dentário, ou têm ponte fixa ou móvel (que cai de vez em quando e sempre faz um ruído estranho)?; apresentam a língua um pouco presa?;

falam muito do passado?; dão sinais de depressão? Pronto: eis aí o início do fim, um verdadeiro calvário. Entretanto, para entender a terceira idade, e ainda mais para entrar nela ou assumi-la com alegria, não é tão simples assim... Convém situar a questão no espaço, na cultura e no tempo, resgatando elementos antropológicos, culturais e teológicos, tudo ao mesmo tempo.

Antes de mais nada, pode-se chegar a um acordo teórico para enquadrar uma pessoa na terceira idade: todas que ultrapassam os 65 anos. Daqui a pouco todas que ultrapassarem os 70 anos. Tudo bem, mas velhice é outra coisa: é uma questão muito pessoal e muito relativa. Relativa às predisposições genéticas, às condições biofisiológicas, sociais, econômicas, culturais de cada pessoa. Por isto mesmo, a rigor, também não se pode padronizar a terceira idade, como aliás, não se pode padronizar nenhuma idade: há pessoas que chegam até ela cheias de vitalidade e entusiasmo, com muitos e grandes projetos, e há pessoas que chegam lá, desmotivadas e alquebradas, com a sensação de que "é o fim". É neste nível que influem as condições acima referidas.

Dito isto, convém ter presente que a absoluta maioria das pessoas cultiva dois sonhos contraditórios, que não se excluem: um de ser eternamente jovem, e o outro de alcançar uma ditosa velhice. Tanto numa, quanto na outra ponta, pode-se contar com a evolução das ciências que oferecem suporte para que continuemos parecendo jovens, e sobretudo, para que envelheçamos com boa qualidade de vida. Hoje, mais do que nunca, o mito da eterna juventude transpõe a cada passo, com o suporte de

vários processos de rejuvenescimento. Para tanto pode-se recorrer a muitos expedientes: pintar os cabelos (e tem algum mal nisto para quem ainda não é careca?), fazer plásticas, e, sobretudo, fazer os mais diversos exercícios físicos, com o objetivo de se manter em forma. Os mitos das fontes da eterna juventude sempre existiram, só que hoje são tidos como realidade possível: para quem sabe viver, ao menos o “espírito jovem” pode ser uma fonte de energia capaz de prolongar não apenas a vida biológica, como, sobretudo, a lucidez psicológica e espiritual. Destarte viver bem a terceira idade não é uma fatalidade, nem um privilégio, mas, de alguma forma, junto com o dom, é uma conquista.

1.2. A tentação da rebeldia

Até aqui, tudo bem. Cultivar os dois sonhos paradoxais e complementares, da eterna juventude e da velhice ditosa, não só não se constitui em nenhum pecado, como até revela uma virtude: a de querer viver da melhor maneira possível a vida que Deus nos confiou. O problema começa quando as maquiagens não são apenas externas, com algumas ilusões psicológicas, mas começam a invadir o espírito, levando a pessoa a cultivar uma falsa imagem de si mesma, enganando-se, porque negando, sistematicamente as limitações próprias de sua idade. E eis o drama: nesta situação a pessoa não apenas se torna ridícula diante dos outros, mas sente-se ridícula diante de si própria. Este sentir-se ridícula diante de si própria não ocorre, forçosamente, diante do espelho, mas ocorre, seguramente quando alguém precisa tirar as pontes fixas ou móveis dos dentes, quando tira a peruca, quando sem-

pre de novo tem que buscar uma recauchutagem do rosto, do pescoço e de outras partes menos vistosas do corpo. Nesta atitude de rebeldia, a pessoa já não consegue viver de acordo com sua identidade profunda; e lá no íntimo sabe que está fazendo teatro.

Entretanto, há algo de mais negativo em tudo isto: o mascaramento leva à perda dos frutos e dos louros que seriam próprios desta etapa da vida. Colher os frutos e louros próprios da idade, só é possível quando a pessoa assume a idade que tem, com tudo o que isto implica. E com certeza, em qualquer vida, por mais pobre e sofrida que tenha sido, sempre há frutos e louros a serem colhidos. Se é verdade que ninguém veio a este mundo por acaso, então, com certeza, mesmo os maiores pecadores e mesmo as pessoas mais frustradas terão deixado alguma marca positiva. É inconcebível que alguém, criado à imagem do próprio Criador, nada tenha feito de bom e louvável. Tudo é uma questão de saber buscar e discernir. Todas as vidas produzem flores e frutos, só que por vezes flores e frutos ficam ocultos, tanto para as próprias pessoas, quanto para as outras.

Assumir a idade com realismo é assumir os ganhos, mas também as eventuais perdas de cada etapa da vida. E assumir as limitações é a primeira manifestação de maturidade, sendo que a maior manifestação de maturidade é a de ser capaz de assumir a própria morte. Como diz Jesus: “ninguém tira a minha vida. Eu mesmo a dou” (Jo 19,18). Quem é capaz de pronunciar esta oração, com certeza é uma pessoa madura sob todos os prismas, mormente psicológico e espiritual.

Ao contrário, quem, além de renegar as evidências da caminhada da vida, que vai deixando rugas internas e externas, não é capaz de defrontar-se com a evidência de uma morte que mais cedo ou mais tarde chegará, vai manifestar aqueles traços negativos acima descritos a propósito do Sr. Sílvio: ranzinza, resmungão, babão... E chegar à terceira idade com estas características é, realmente, um tanto trágico, pois traz consigo a evidência de decrepitude, que nunca pode ser exaltada como virtude.

1.3. Driblando os espinhos e colhendo as flores

As últimas colocações já vão configurando aquilo que em termos filosóficos e teológicos se denomina de sabedoria de vida, ou então os traços da estultície, de quem não encontrou um verdadeiro sentido para a sua vida. Não é verdade que os anciãos são valorizados em todas as culturas. Como também não é verdade que bíblica ou teologicamente falando, toda pessoa de idade seja sábia. É verdade que tanto o Antigo, quanto o Novo Testamento nos apresentam uma série de figuras masculinas e femininas consideradas como patriarcas e matriarcas, por isto mesmo, sábias. Contudo, estes escritos também nos apresentam pessoas de idade qualificadas como insensatas. Haja vista muitos membros do Conselho dos Anciãos, que ajudaram a condenar Jesus. É bom lembrar também os dois velhinhos da história da casta Susana, do capítulo 13 do Livro de Daniel. No dizer do meu amigo centenário, o Sr. Sílvio, eles seriam "babões". Na época, não poderiam passar muito disto; contudo, hoje, com certos estimulantes, alguns velhinhos e algumas

velhinhas resolvem assumir atitudes próprias de seus netos e são capazes de surpreender. De fato, ao que tudo indica, justamente no campo da sexualidade, enquanto o corpo teoricamente se aquieta, a fantasia intensifica sua ação, e nem sempre de maneira edificante. Sábias são as intuições de São Francisco, já todo aquebrado pela doença, mas visto como santo por muitos: " Cuidado, Francisco, pois ainda és capaz de deixar por aí algum filho".

Pelas considerações precedentes se percebe que existem pessoas de idade e pessoas de idade: nem todas construíram sua vida do mesmo modo e nem todas lidam do mesmo modo com suas emoções; por isto mesmo, nem todas chegam do mesmo modo à velhice. Traduzindo, nem todos os anciãos e anciãs são sábios. A sabedoria de vida começa pelo cultivo da consciência criatural. Ao mesmo tempo que somos e existimos, nem somos nem existimos por nós mesmos ou para nós mesmos. Foi Deus quem nos concedeu a existência para que ela seja pautada pelo amor a Ele e ao próximo. Assim, a consciência da condição criatural é a primeira garantia de estarmos vivendo com realismo. É esta consciência que nos afasta da tentação de nos julgarmos sempre jovens, ao menos no espírito, como também nos afasta da tentação de, prematuramente, julgarmos que agora é o fim de tudo. As pessoas que desenvolvem a consciência criatural são capazes de carregar as cruzes mais ou menos pesadas das limitações e até, de serenamente, admitir, como o Papa João Paulo II, que " o dia de prestar contas a Deus está próximo". Estas são pessoas

que não deixam de sentir os espinhos, nem de tropeçar pelo caminho, mas sabem colher as flores que brotam à beira do caminho e no meio dos espinhos.

2. Desafios mais comuns

Indiscutivelmente, quando se fala de terceira idade, se tem diante dos olhos uma pluralidade de situações, conjugada com a singularidade de cada pessoa. Mas, apesar de devermos insistir sobre a pluralidade de situações e a originalidade de cada ser, e portanto também de cada pessoa nas várias fases da vida e nas diversas realidades nas quais vive, não podemos deixar de reconhecer que existem alguns traços e alguns desafios comuns, que caracterizam a terceira idade. Apesar de devermos reconhecer que crianças e anciãos em todos os tempos apresentam alguns traços que percorrem os séculos, devemos também admitir que hoje, e mais particularmente no nosso contexto, existem características só hoje e aqui encontradas. É esta conjugação entre originalidade e especificidade que devemos considerar agora.

2.1. A pluralidade de situações

Deste o início destas reflexões estamos insistindo, ao menos de maneira indireta, na pluralidade de situações. Uma é a situação de quem tem elevado nível econômico, social e cultural. Outra é a situação de quem se encontra na miséria, sem status e sem cultura. As pessoas que se enquadram na primeira categoria não apenas terão com o quê se ocupar, mas poderão contar com o apoio de quem com elas se preocupa, minorando, assim, sensivelmente os contratempos próprios da idade. Já as pes-

soas enquadradas na segunda categoria, da miséria e da pouca cultura, normalmente deverão enfrentar sozinhos as sombras da noite: só lhes sobrá Deus. E podemos continuar nosso raciocínio dizendo que uma é a situação de quem ao longo da vida cultivou uma espiritualidade profunda: nenhum companheiro e amigo é mais seguro, confortante e constante do que o próprio Deus. Outra é a situação de quem, como Paul Sartre e sua companheira Simone de Beauvoir, fez questão de professar o ateísmo materialista. Para os dois, o fim da tarde só poderia mesmo ter sido saudado com um "bonjour, tristesse": a vida se apresenta como um conjunto de amargas frustrações e sem nenhum horizonte.

Até mesmo sentimentos bastante comuns em todas as culturas e situações acima descritas, como a perda da auto-estima, a angústia diante do desconhecido e a crescente solidão, são muito relativos. Para quem durante a vida toda foi negado o reconhecimento, a auto-estima só poderá estar mais baixa ainda ao cair da tarde. Mas para quem construiu um "patrimônio" em termos de auto-estima, a chegada à terceira idade coincide com uma espécie de poupança bem remunerada: todos exaltam suas qualidades. Da mesma forma, para quem só soube confiar em suas próprias forças e vê estas forças desaparecerem, só sobra a angústia da próxima queda. Ao contrário, para quem cultivou a fé na providência divina e construiu um círculo de sólidas amizades, nem a angústia do desconhecido, nem o sentimento de solidão irão tomar vulto.

2.2. Traços mais comuns

Uma vez ressaltada a pluralidade de

situações originais, não há como esquecer a existência de alguns traços comuns a todos. O primeiro pode ser encontrado no desafio de assumir os limites próprios de uma certa faixa de idade; o segundo pode ser encontrado na linha do ir perdendo companheiros e companheiras de caminhada e, em consequência ter que enfrentar uma certa solidão; um terceiro está na necessidade de cultivar o que se denomina de qualidade de vida.

Hoje fala-se muito na necessidade de colocar limites quando se trata de educação de crianças e adolescentes. Acontece que esta educação para os limites é um componente da vida no seu todo. Contudo, não há como não perceber que, por si mesma, a idade vai exigindo o respeito a certos limites. Estes dizem respeito ao ritmo das atividades físicas e intelectuais; diz respeito às funções exercidas na sociedade; diz respeito à alimentação, às horas do necessário repouso, e assim por diante. Aqui, novamente, nem todos os que chegam à terceira idade sabem descobrir e respeitar os seus limites: só os sábios serão capazes de perceber isto, sem se intimidar e sem mágoas. Tudo na vida tem seu tempo: um é o tempo de plantar, outro é o tempo de colher. E a terceira idade é sobretudo um tempo para desfrutar e colher.

Ainda que sejam muito relativos, os sentimentos de perda e solidão são normais na terceira idade. O primeiro remete para a inevitável perda de tantos companheiros e companheiras de caminhada. Os números são tanto mais significativos quanto mais a pessoa vai vivendo. Em decorrência disto, aos poucos vai se colocando a inevitável dificuldade de estabelecer novas amizades. Mesmo que isto não

seja de todo impossível, normalmente elas não terão nem a profundidade, nem o significado das amizades contraídas nas outras etapas da vida. A sensação de estar cada vez mais sozinho pode ser muito minorada, na medida em que a pessoa pode contar com a compreensão dos parentes, ou ao menos das pessoas com as quais convive. Mas o sentimento de solidão costuma ir se intensificando na medida em que os horizontes de vida vão se estreitando e vai se esgueirando a impressão de que o caminho vai chegando ao fim. Para compensar o sentimento de solidão, só mesmo a certeza obtida com a lucidez da fé, de que o fim de um caminho, na realidade é apenas o aceno para o começo de outro.

O maior desafio da terceira idade, contudo, parece consistir no cultivo daquilo que se denomina "qualidade de vida". A qualidade de vida pode ser delineada através de alguns contornos: capacidade de manter atividades corriqueiras, tanto no plano físico, quanto mental e espiritual; capacidade de realizar tarefas em comunidade; capacidade de manter laços afetivos com as pessoas mais próximas, e, eventualmente, criar novos laços; capacidade de manter, ou mesmo desenvolver potencialidades um tanto ocultas, como: trabalhos manuais, pintura, jardinagem, etc. Estes e tantos outros traços que podem ser lembrados para descrever a qualidade de vida, são uma espécie de termômetro para se poder medir até onde a terceira idade, dentro dos limites que lhe são próprios, se constitui em apenas uma nova etapa da vida, ou então se transforma em sinônimo de decrepitude, com tudo o que isto significa.

2.3. Desafios de hoje

Embora seja sempre difícil de se distinguir o que é típico de hoje e o que remete para a condição humana de todos os tempos, convém ressaltar alguns desafios que parecem mais específicos de nossos tempos. Uma primeira linha de desafios encontra-se na tentativa de superação dos mitos e preconceitos; uma segunda linha pode ser encontrada no plano da produção; uma terceira, no plano político.

O texto da Campanha da Fraternidade de 2003 enumera uma série de mitos e de preconceitos que devem ser enfrentados não propriamente pelos que chegam à terceira idade, mas pelas outras pessoas que se julgam no direito de emitir pareceres categóricos sobre a terceira idade. Eis alguns mitos e preconceitos: a inteligência diminui com a idade; o idoso não aprende; o idoso perde a capacidade sexual; idoso só deve conviver com idoso; velhice é doença; o idoso está mais perto da morte; idoso não tem futuro... Embora por trás de cada uma destas assertivas possa haver alguma verdade, com certeza elas revelam uma simplificação insustentável. As considerações feitas até aqui sobre a diversidade de situações e condições já são suficientes para demonstrar isto. Assim, estas meias verdades em nada ajudarão aos que chegaram à terceira idade, e muito menos aos que devem se ocupar com estas pessoas.

Os desafios relacionados com a "produção", são bem específicos de uma sociedade moderna, industrial e pós-industrial. A modernidade se tornou quase que sinônimo de produtividade: é preciso produzir muito, em série, com sempre maior rapidez. É claro que quanto mais alguém avança em termos de idade, tanto menos

capaz se torna de preencher estes requisitos quantitativos, padronizados e acelerados. Daí o imperativo do mundo capitalista de ir substituindo as pessoas como se substituem as peças de uma máquina. Na medida em que vão envelhecendo são jogadas fora. Claro que é inútil querer reeditar o passado, quando os modos e o ritmo de produção eram outros. Mas, com certeza, é preciso ir encontrando sempre novas alternativas. Estas alternativas de produção só podem ser encontradas diante de outros pressupostos antropológicos. Ou seja, uma sociedade que não sabe captar e direcionar os modos próprios de produção das pessoas de idade, é uma sociedade fadada ao fracasso, na exata medida em que aumentar o número de pessoas de idade.

Algo de parecido com o que foi dito sob o prisma econômico, se deve dizer com respeito ao prisma político: encontrar um lugar em que o exército crescente dos idosos possa atuar e partilhar suas experiências, é algo de vital para o presente e para o futuro da humanidade. Não se trata de reivindicar o lugar de mando, mas simplesmente de canalizar esta experiência acumulada para o bem viver de toda a sociedade. A sociedade que não abre espaço político para quem vai envelhecendo, não apenas está arrancando as raízes do passado, mas impossibilitando um futuro mais promissor. Sobre tudo em termos de convívio mais pacífico, a exclusão das pessoas de mais idade se constitui sempre num empobrecimento irreparável. Se estas pessoas já não podem contribuir diretamente em termos de novos planos e novas perspectivas, ao menos podem ajudar para que se evitem erros do passado.

3. Desafios específicos para a VR

Por definição, a VR se caracteriza por uma série de renúncias e por uma série de rupturas. Renúncia aos bens deste mundo, mormente à constituição de uma família; ruptura com um modo de ser e de viver próprios do mundo; ruptura com os laços familiares. Se, no momento da emissão de votos estas renúncias e estas rupturas certamente foram abrandadas pelo entusiasmo provindo das perspectivas de um trabalho em favor do Reino, ao cair da tarde se coloca a pergunta: será que valeu à pena? Onde estão os 100% que Jesus prometeu já nesta terra, e onde está a vida eterna? Não seria tudo uma ilusão? Os nossos conventos não se parecem nem um pouquinho com o céu... e em certas circunstâncias nem se parecem com uma família que reúne irmãos e irmãs... Mas, justamente ao cair da tarde fazem falta os filhos e netos... fazem faltas os amigos e amigas... começa-se a sentir uma sensação de vazio. É neste clima que as fantasias passam a trabalhar com maior intensidade, o demônio acena para uma volta ao passado, quando, de fato, as esperanças encontram-se no futuro. Eis aí três ângulos de desafios específicos para os que se consagraram à VR.

3.1. O mundo das fantasias

De um modo ou de outro, sempre vivemos em meio às fantasias. Elas até que podem se constituir numa espécie de impulso para arquitetar projetos mais ou menos viáveis. Ninguém vive sem ilusões e sem fantasias. Se elas se colocam no confronto com a realidade do cotidiano, podem ser forças positivas. Entretanto, quando avança a terceira idade com o cortejo de limitações que lhe são

inerentes, o perigo não está nas fantasias e ilusões, mas na perda do senso do real. Melhor dito, as fantasias passam a dar um colorido ilusório às belezas da vida... Como teria sido belo haver constituído uma família... Como teria sido bom haver galgado certos postos na sociedade... Como seria bom haver acumulado alguns bens... Vida familiar e social parecem um mar de rosas, ainda mais quando comparadas com a rudeza da vida conventual. A supervalorização das fantasias leva a uma depreciação daquilo que se abraçou com tanto entusiasmo na época da juventude. Eis um primeiro desafio a ser enfrentado.

3.2. O demônio acena para o passado

Ao mesmo tempo que as fantasias vão se avolumando, com a conseqüente desvalorização do pouco que se tem, um novo desafio desponta na tentação de exaltar o passado, em detrimento ao presente. De modo mais concreto, na mente de quem avança em termos de terceira idade, as novas gerações parecem não apresentar mais aquele elan, não ter mais aquela fibra, não sendo, portanto, capazes de manter a gloriosa trajetória da Igreja e da Congregação ou Ordem. Nossos antepassados, e nós mesmos, tanto lutamos para agora ver muita coisa caindo por terra, ou mesmo sendo levemente substituída por valores tidos como mundanos. Basta olhar sob o prisma da afetividade: as pessoas de fibra, que engoliam em seco às tentações da carne, vêem as novas gerações se movimentando com desenvoltura no campo afetivo. E tudo isto dói. É exatamente nesta visão distorcida sobre o presente e na exaltação, idealizada do passado, que mora o perigo de se

morrer em meio às amarguras de quem vê esfacelar-se um sonho.

3.3. As esperanças encontram-se no futuro

Acreditar no futuro do mundo e da humanidade talvez seja o maior desafio com o qual a terceira idade se depara. É conhecida uma frase do grande General De Gaulle, quando não conseguia mais conter as ondas de protestos estudantis em 1968, na França: "Après moi, le deluge". Isto significa: depois de mim virá o dilúvio; ninguém será capaz de dar continuidade à minha obra. Claro que esta não é uma tentação específica nem da vida religiosa, nem da terceira idade. Ao contrário, é uma constante na mente de todas as pessoas que se julgam insubstituíveis. Entretanto, indiscutivelmente, com o passar dos anos, quando alguém construiu grandes obras ou imprimiu suas marcas na história, real ou imaginária, a tentação de desesperar em relação ao futuro, vai tomando vulto. Daí a importância da autocrítica amadurecida, de quem não deixa de valorizar seu próprio empenho, mas ao mesmo tempo não deixa de acreditar que Deus conduz a história, mormente a Igreja. Acreditar no futuro não é apenas uma questão vital: é uma questão de fé.

Conclusão: É muito difícil escrever algo de mais substancial sobre a terceira idade. Difícil, porque quem escreve nunca se sente diretamente envolvido; difícil porque se tende a exagerar ora para um lado, ora para outro, sobretudo no que se refere ao "fazer" ou deixar de fazer. Daí a importância de não se perder de vista que o verdadeiro enfoque em relação a qualquer idade, mas mormente à terceira, não pode ser a da operacionalidade. Pretender competir com os mais novos em termos de fazer, é caminhar para um fracasso certo. Pelo que vimos, a tônica na terceira idade encontra-se muito mais na linha do "ser", e mais precisamente, do ser sábio. Ora, a pessoa sábia é aquela que não quer esconder nada, em termos de fraquezas; que não quer negar nada em termos de conquistas reais; que não padroniza; que sabe respeitar a alteridade; que não exalta o passado, e muito menos desconfia do presente e do futuro. Uma coisa é certa: vislumbrar a terceira idade é certamente uma graça; mas também é, com certeza, uma conquista que deve ser preparada ao longo de toda a vida.

Antonio Moser. Doutor em Teologia Moral. Professor de Teologia. Autor de vários livros.

Endereço do autor:

Caixa Postal 90023

CEP 25689-900

Petrópolis - RJ

QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE

- 1- Você já leu o texto da Campanha da Fraternidade de 2003, sobre a terceira idade?
- 2- Assinale três idéias que lhe chamaram especial atenção, seja no texto da Campanha, seja no texto que você acabou de ler agora.
- 3- Descreva alguma pessoa que se encontra na terceira idade, e que lhe parece uma pessoa sábia, e, portanto, bem integrada.
- 4- Você conhece aquela estória do velho pároco que recomendou ao seu coadjutor para ser advertido quando ele já não estivesse em condições de prosseguir à frente da paróquia, mas que, chegando o momento, pediu a transferência do seu coadjutor?

Algumas reflexões sobre a Vida Religiosa

"As pessoas consagradas receberam, para o bem da Igreja, o chamado a uma "nova e especial consagração", que compromete a viver, com amor apaixonado, a forma de vida de Cristo, da Virgem Maria e dos Apóstolos"¹.

CLEUSA APARECIDA NEVES, CFA

Essas linhas têm sua gênese a partir de algumas reflexões sobre o passado, o presente e o futuro da vida religiosa, sempre cheia de alegrias e esperanças, também, permeada de angústias e tristezas; pois, constituída por mulheres e homens, sem exceção, portadores da condição de pecadores, muitas vezes, impelidos a fazerem não o bem que gostariam, mas o mal que repudiam.

A bem da verdade, por constituir-se de pecadores/as, a vida religiosa, é cheia de luzes e sombras; pois há no mais profundo do âmago humano uma contradição fundamental que Paulo compreende como pecado e que é por ele vivenciado e relatado em sua carta aos romanos:

"[...] eu sou humano e fraco, vendido como escravo ao pecado. O que quer o bem está em mim, mas não sou capaz de fazê-lo. Não faço o bem que quero, e sim o mal que não quero"².

Embora constituída por pecadores/as, podemos dizer que na vida religiosa há mais luzes do que sombras. E, logo de início, é importante ressaltarmos que pensar a vida religiosa, sendo esta cons-

tituída por sujeitos em transformação⁽¹⁾ é pensar a vida humana tal como é, com seus sucessos e dissabores no percurso chamado existência⁽²⁾. Entendê-la como uma rede de relações onde aparatos neurofisiológicos, sócio-históricos, político-sociais e psicológicos encontram-se em interação constante e em uma dinâmica peculiar na qual ordem e desordem coexistem.

Podemos dizer que refletir sobre a vida consagrada é pensar o sujeito em transformação; é trazer à tona a possibilidade de investigar sobre o inusitado, sobre aquilo que não se pode prever; sobre potencialidades; sobre uma opção de vida feita "por causa do Reino", reconhecendo que há entre os/as chamados/as, quem não foi chamado.

É, sobretudo, tentar perceber a dimensão divina do chamado que nos convida ao cultivo da vigilância e conversão contínuas; pois vivemos, a partir de nós mesmos/as um processo dialético de luta entre graça e pecado e em cada um de nós se trava uma luta de vida e de morte entre o bem e o mal.

¹ Partir de Cristo - Um Renovado Compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milênio. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Edições Paulinas. 2002. p. 18.

² Rm 7, 14, 18 - 19.

Por fim, entendemos vida religiosa como espaços psicossociais de mudanças pessoais, institucionais e comunitárias. Nesse espaço, o grande desafio que se impõe no cotidiano é a busca de conformar a própria vida ao projeto de seguimento de Jesus Cristo na vivência comunitária, o que implica um trabalho pessoal e, sobretudo, mudar em grupo. Isso exige de nós revisão e aprimoramento de nossas formas de participação/atuação no cotidiano da experiência comunitária.

Abordar o/a consagrado/a, tendo como suporte o seu “estar no mundo sem ser do mundo”, implica pensar em sua integração no processo de formação. Lembramos que integrar não é entendido por nós como adaptar, nem adequar o/a religioso/a às condições impostas pela Congregação/Ordem, mas compreendê-lo/a na sua singularidade e pertencente ao sistema funcional que estrutura a Instituição, sendo parte integrante da mesma; ou ainda, pensar o/a religioso/a como sujeito participante.

Nesta perspectiva, queremos compartilhar algumas reflexões: 1- em torno do esvaziamento dos noviciados; 2- do surgimento de “novas propostas de vida consagrada”; 3- de algumas incoerências na vida religiosa; e 4- da necessidade de nos imbuirmos de mais coragem para enfrentarmos o desafio do seguimento.

1. O esvaziamento dos noviciados

A escassez de vocações muito nos preocupa; pois sabemos que para manter vivo o carisma-missão através das

obras existentes, bem como para abertura de novas frentes de trabalho, faz-se necessário o elemento humano.

Sabemos que o quadro da maioria das congregações/ordens está envelhecido e, se de um lado temos irmãos/ãs impossibilitados/as de assumirem determinados trabalhos seja pela idade avançada e/ou saúde debilitada; por outro, há o grupo dos/as acomodados/as que não se lançam por uma razão ou outra. O certo é que a queixa é geral: o número de irmãos/as não é suficiente para atender às necessidades das obras existentes e/ou abrir novas frentes de trabalho.

Parece não ser coisa da modernidade a escassez de vocações. O Mestre já instruíra, alertando para a necessidade de pedir ao Senhor da messe que envie operários: “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos! Por isso, peçam ao dono da colheita que mande trabalhadores para a colheita”³.

Ao tocarmos na questão do esvaziamento dos noviciados, é bom trazermos à tona algumas reflexões.

Começamos lembrando que concomitante com o crescimento do número de Congregações ao longo da história, possibilitando uma natural pulverização dos/as candidatos/as nas diversas instituições, houve redução do número de filhos por família nas últimas décadas. Em tempos idos, cada família possuía uma média mínima de sete filhos; hoje, em sua maioria, esse número reduziu para dois.

Ao lado da redução do número de filhos por família, contamos com a saída do homem do campo para a cidade e

³ Mateus 9,37.

sabemos que grande parte dos/as jovens vocacionados/as vinha da zona rural e/ou do interior. A migração para as grandes metrópoles fez a realidade mudar, exigindo inclusive nova dinâmica da pastoral vocacional.

Em se tratando de vocação para a vida consagrada, de duas coisas podemos estar certos/as: 1- é preciso pedir ao Senhor da Messe que envie operários; 2- o chamado é pura gratuidade de Deus que chama para o seu seguimento, através do Espírito Santo; 3- a autenticidade do testemunho dos que já optaram pelo seguimento é a melhor propaganda vocacional.

Ressaltamos nossa compreensão de vida religiosa como "dom peculiar do Espírito" que ainda hoje chama mulheres e homens para zelar pela instauração do Reino, dando continuidade à missão de Cristo:

"À imitação de Jesus, os que Deus chama para o seu seguimento são consagrados e enviados ao mundo para continuar-lhe a missão. Ou melhor, a própria vida consagrada, sob a ação do Espírito Santo, faz-se missão. Quanto mais os consagrados se deixam conformar com Cristo, tanto mais o tornam presente e operante na história para a salvação dos homens"⁴.

Sabemos que, em alguns lugares, a disputa para arrebanhar adeptos para a vida religiosa é acirrada, principalmente quando se trata da vida sacerdotal.

Testemunhado por um promotor vocacional, "o trabalho vocacional", em

alguns lugares, virou concorrência. Conforme relatado por ele, em sua diocese, nos encontros de discernimento vocacional, há promotores que tentam seduzir os jovens simpatizantes com a vida sacerdotal, apontando a supremacia de ser sacerdote secular ao invés de religioso.

Na tentativa de convencer a rapaziada propagam vantagens tais como: poder possuir/adquirir/administrar os próprios bens e, logo que ordenar, ter disponível casa mobiliada, com telefone convencional, celular e um carro à disposição, enquanto ao religioso não é possível gozar de tais "benefícios" por causa do voto de pobreza.

É sabido, também, que há congregações/ordens tanto femininas quanto masculinas que não ficam para trás e colocam como diferencial noviciado na Europa, bem como possibilidade para estudos.

Devemos nos perguntar: que resultado pode dar uma pastoral vocacional calcada em tais pressupostos?

Podemos inferir que, nestes casos, ser padre (ou pessoa consagrada) virou um bom negócio. Dá-nos a entender que os responsáveis pela pastoral vocacional que atuam nessa dinâmica não possuem a compreensão de vocação como chamado, cuja iniciativa para o seguimento de Cristo parte sempre do Espírito e que o chamado só é possível

"[...] com base numa vocação especial e por um dom peculiar do Espírito. De fato, numa tal existência, a consagração batismal é levada a uma resposta radical no

⁴ Partir de Cristo. p. 9.

seguimento de Cristo pela assunção dos conselhos evangélicos, sendo o vínculo sagrado da castidade pelo Reino dos Céus o primeiro e mais essencial deles⁵.

Se afirmamos que falta operários para a messe, não é bom perguntarmos como anda o trabalho vocacional? Se a dinâmica da pastoral vocacional segue a lei da oferta e da procura que rege o mercado, poderá haver autenticidade dos que optarem pelo sacerdócio e/ou vida religiosa, tendo/vendo esta como um "bom negócio"?

Acreditamos não ser possível uma realização pessoal quando a opção pela vida consagrada se dá por mero interesse nos bens materiais. A consagração não pode tornar-se um bom negócio, uma boa troca; os sinais de vida nela existentes não podem ser obnubilados pelas sombras; pois

"A vida consagrada, no contínuo suceder-se e afirmar-se de formas sempre novas, é já, em si mesma, eloqüente expressão desta sua presença, quase uma espécie de Evangelho desdobrado nos séculos. Ela parece, com efeito, como "prolongamento na história de uma especial presença do Senhor ressuscitado". Desta certeza, as pessoas consagradas devem auferir um impulso renovado, fazendo dela a força inspiradora do seu caminho"⁶.

Prosseguindo nossa reflexão, é certo que, com frequência, ouvimos e/ou falamos "que a vida religiosa está muito

fechada para a realidade de hoje"; "que precisa mudar muita coisa, caso contrário, não teremos novas vocações"; "que está surgindo novas propostas de vida religiosa por aí e se não tivermos olhos atentos, as congregações/ordens vão acabar morrendo", etc. Mas será que diante da escassez de vocações devemos entrar no "jogo do mercado" onde o que prevalece é a lei da oferta e da procura?

Por outro lado, é interessante ressaltar que, enquanto afirmamos que há escassez de vocações, sabemos que vem crescendo o número de adeptos de grupos/movimentos que apresentam um "novo jeito de viver a vida consagrada hoje". Desses, alguns têm chamado atenção pela expansão e número de adeptos.

Não é, então, hora de nos perguntarmos o porquê do esvaziamento de nossos noviciados, enquanto o número de adeptos de grupos emergentes cresce? Estará o nosso testemunho sendo fraco ou nós religiosos/as estamos distantes do povo, do pobre, da realidade social à qual nossos fundadores/as se inseriam no tempo em que viveram?

2. "Nova Proposta" de vida consagrada

Partilhando reflexões, relataremos uma recente experiência vivida por mim e um pequeno grupo de religiosas, na cidade de Aparecida do Norte, Estado de São Paulo, por ocasião de uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Percorrendo o imenso pátio do santu-

⁵ Vita Consecrata. Documentos Pontifícios. 269. Editora Vozes.1996. p. 21, 22.

⁶ Partir de Cristo. p. 8.

ário vimos algumas jovens da Toca de Assis e nos aproximamos com o propósito de conversar com aquelas jovens. Tínhamos certa curiosidade de saber sobre o grupo no que tange ao estilo de vida e à missão. Sabíamos de sua existência como "nova proposta de vida religiosa", porém, nosso interesse era saber o que havia de diferente, de "novo", na proposta.

Na conversa com aquelas jovens indagávamos sobre o ideal/projeto de vida do grupo; bem como o trabalho que fazem. Todas elas tinham concluído o Ensino Médio e uma já havia feito experiência em uma congregação.

Após uma longa explicação sobre a forma de vida e as atividades que desenvolvem junto aos pobres, uma concluiu dizendo que conheceu algumas congregações, mas que em nenhuma delas poderia viver o estilo de vida que buscava: viver pobremente e no meio dos pobres, próximo à realidade do povo.

Elas enfatizavam a realidade de exclusão social, dizendo que o povo de Deus necessita de pessoas que testemunhem coragem de lutar pelo Reino onde a vida está esfacelada, onde o pobre não tem voz nem vez; que o pobre precisa de quem lute por ele e assim por diante.

Em meio à conversa, disseram que a maioria das Congregações "são muito antigas e já, se desviaram do ideal inicial"; "possuem uma estrutura muito pesada" e não fazem mais "experiências radicais" por estarem muito presas às grandes obras e acostumadas a uma vida confortável.

Chegaram até mesmo a dizer que o trabalho desenvolvido por muitos/as

consagrados/as é perda de tempo, que certas obras as congregações/ordens deveriam entregar para os/as leigos/as cuidarem, assim haveria mais religiosos/as disponíveis para se dedicarem ao trabalho com o pobre; pois de rico, tem muita gente pra cuidar.

Aquele encontro/conversa suscitou uma calorosa discussão entre nós. Sabemos que o futuro da vida religiosa está nas mãos das novas gerações – a maioria vinda de grupos carismáticos e espiritualistas. Às vezes temos a impressão e até afirmamos que estes são de muito "oba, oba" e louvação, de muita alienação; portanto, sem consciência crítica, sem compromisso com o processo de transformação da sociedade.

Sabemos que a Toca de Assis, apresenta "um novo estilo de vida religiosa" e seus adeptos crescem a cada dia. Como nos disseram as jovens, no momento é o maior dos emergentes e o que mais se expande; não possui uma "estrutura de vida pesada" nem seus adeptos saem por aí fazendo propaganda vocacional. Apenas fazem um trabalho diretamente com os pobres.

Fazendo uma síntese de nossa percepção, a impressão que tivemos é que, por levarem o nome de Toca de Assis, a fonte de inspiração é Francisco de Assis, o santo da Idade Média, entretanto, ainda não possuem uma estrutura organizacional (Constituições, Diretório) e um esquema de vida comunitária a exemplo da vida religiosa tradicionalmente conhecida; seus adeptos encontram-se mais ou menos na mesma faixa etária, ou seja, não há quadro de envelhecimento. Quanto aos bens, o que estão adquirindo por

doações, como, por exemplo, casas e/ou barracões para abrigarem/atenderem os pobres, estão, gradativamente, sendo equipadas/adaptadas e não demorará muito se transformarão em “grandes obras” que, a exemplo das nossas, exigirão as prestações de contas conforme os rigores da legislação, bem como preocupação com a manutenção e conservação.

Sobre a forma de vida, ficamos a indagar se esses/as jovens que querem e buscam uma experiência radical de pobreza, a exemplo de Francisco e nossos fundadores/as, que foram pessoas também radicais, não estão mais abertos/as às necessidades do mundo na perspectiva de Deus do que nós, que pertencemos a congregações e/ou ordens com séculos de experiência, ou se esta não é uma forma do Espírito falar à sociedade de hoje; pois sabemos que

“Ao longo dos séculos, nunca faltaram homens e mulheres que, dóceis ao chamamento do Pai e à missão do Espírito, escolheram este caminho de especial seguimento de Cristo, para se dedicarem a ele de coração “indiviso”. Também eles deixaram tudo, como os Apóstolos, para estar com Cristo e colocar-se, como ele, ao serviço de Deus e dos irmãos. Contribuíram assim para manifestar o mistério e a missão da Igreja, graças aos múltiplos carismas de vida espiritual e apostólica que o Espírito Santo lhes distribuía, e deste modo concorreram para renovar a sociedade”.

Também nos chamou atenção o fato

de haver tantos/as jovens buscando a experiência da Toca de Assis, alegando ser esta uma “nova proposta de vida”, quando há tantas congregações/ordens franciscanas atuando nas mais diversas pastorais, inclusive com experiência de real inserção em comunidades de extrema pobreza.

Considerando muitas coisas que disseram, o entusiasmo, coragem e demonstração de desapego e confiança na Providência Divina; a inserção no meio dos pobres, dentre outros, nos indagávamos: onde está nossa fidelidade ao ideal dos fundadores/as, nossa pobreza, despojamento...?

Sabemos que na fundação, a maior parte dos institutos tanto femininos quanto masculinos partiu de uma experiência de extrema pobreza. É pertinente ressaltar que no início, quando os/as fundadores/as começaram a trilhar os caminhos do seguimento, a vida que levavam era de pobreza radical, muita simplicidade e dedicação/doação total ao pobre.

Hoje, parece que temos procurado demasiadas seguranças e bem-estar. O percentual maior dos/as religiosos/as está dedicado à classe média e alta. Então, onde está a opção preferencial e audaciosa pelos empobrecidos apontada por Medellín, se o número dos inseridos e dos que se ocupam com obras a favor dos pobres é menor?

Se olharmos para nossas obras/residências, constatamos que em sua maioria, essas são suntuosas e/ou de grande porte, das quais muitas estão gradeadas, possuem circuito interno de TV,

⁷ Vita Consecrata. Documentos Pontifícios 269. Editora Vozes. 1996. p. 3.

vigia continuou, sistema de alarme, cães de guarda... tudo isso para garantir segurança dos proprietários/as e dos bens. O que "garante" nossa segurança parece que nos coloca cada vez mais distantes, afastados do povo. Isso, sem contar que o espaço que ocupamos, geralmente são de grande extensão, muitas vezes, localizados em regiões nobres e, em alguns casos, controlados por cancelas e/ou guaritas; com a presença de seguranças nas imediações, se assemelhando a grandes mansões.

Depois de uma calorosa discussão e muitas indagações, nos perguntamos: O que fazer diante da realidade que temos e do que possuímos? Houve quem dissesse: "não tem jeito; se quisermos uma experiência de vida radical temos que nos desvincular da instituição e começar da estaca zero, do jeito que fizeram os/as fundadores/as"!

Deixando prevalecer nossas indagações e, dando asas à imaginação, penetramos um pouco na "complexidade das coisas". Partindo do princípio de que nossas congregações/ordens quisessem viver pobremente, sem nada de próprio, começando pelas obras, nos perguntamos: O que fazer com tantas obras/residências, às quais, ao longo da história tantos/as consagrados/as encontraram sentido para que as mesmas chegassem a bom termo? Se tais obras tiveram sentido no passado, têm agora? E ainda, será que algumas dessas obras não foram desviadas da finalidade para a qual foram criadas, por exemplo, eram destinadas ao atendimento do pobre e ao longo dos anos passou a atender à elite? E mais,

na vida religiosa só é possível doar a vida à causa do pobre, do excluído, estando inserido/a na realidade dele?

Diante dessas e de outras inquietações ficamos a indagar sobre o sentido da vida de uma multidão de consagrados/as que gastam os dias do ano e os anos de suas vidas dedicando-se às grandes obras de suas congregações/ordens. Seria um "desperdício da vida", "uma doação sem sentido"?

As conclusões às quais chegamos foram diversas. Concluimos, por exemplo, que é "complicado" não ter nada hoje. Nos víamos justificando a necessidade de ter isso, ter aquilo, comprar isso, comprar aquilo...; ter dinheiro para: manter os/as vocacionados/as; pagar um plano de saúde e despesas com remédios (ainda mais com o quadro envelhecido como está); custear tratamento dentário e psicológico, além de viagens, cursos e manutenção das obras, dentre outras.

Podemos dizer que valeu a pena aquele encontro, bem como a discussão gerada em torno dele e que, muitas vezes, fazem parte de nosso cotidiano. Nos damos conta de que nossos/as fundadores/as descobriram que para ser feliz não precisa tanto de ter, mas de ser e que

"O Ser leva uma vida toda para se conseguir, e o TER muitas vezes conseguimos logo. Só que o SER não acaba e nem se perde, mas o TER pode terminar logo. O SER, uma vez conseguido, é eterno e o TER é passageiro e, mesmo que dure muito tempo, pode não trazer a FELICIDADE"⁸.
Não há dúvida de que nossos/as

⁸ Texto retirado da Internet. Autor desconhecido - ZANA 13.

fundadores/as renunciaram ao ter para serem, serem seguidores/as de Jesus Cristo numa doação total ao irmão/ã. Na dinâmica do seguimento, deixaram-se conduzir pelo Espírito e pela Palavra, por isso, em seus corações havia um amor ardente pelo Mestre e pela humanidade. Foram pessoas corajosas, ousaram renunciar ao TER para irem em busca do SER e se realizaram como pessoa.

Por fim, podemos dizer que a “nova proposta de vida religiosa” apresentada pelas jovens da Toca de Assis tem muita semelhança com a “velha proposta” vivida por um grande número de fundadores/as de congregações/ordens. Parece-nos que o ideal vivido por tantos homens e mulheres e que marcou épocas na história, foi se distanciando da realidade graças às incoerências e/ou acomodações dos/as sucessores/as.

3. Algumas incoerências na vida religiosa

Em nossa realidade, constatamos que, muitas vezes, criticamos depreciativamente nossas obras; algumas vezes queremos desfazer daquelas que se tornaram grandes empresas e não é raro nos perguntarmos se a vida religiosa deve permanecer nessas grandes obras. Entretanto, quando partimos para uma séria avaliação de algumas delas, nos surpreendemos com a coexistência do apego/desapego e com um certo medo.

Percebemos que “temos medo” de confiar só na providência como fizeram nossos/as fundadores/as que nada possuíam e viviam da caridade para se sustentarem e sustentarem as obras sociais às quais dedicaram suas vidas.

Quando pensamos no voto de pobreza como pobreza evangélica, conforme a vivida pelos/as fundadores/as, em seu aspecto material, da simplicidade... o assunto nos reporta à questão da sobrevivência e segurança/insegurança.

Sabemos que nossas congregações/ordens possuem um suporte econômico capaz de suprir nossas necessidades temporais. Em nossas comunidades inseridas e/ou que não cobram pelos serviços que prestam, quando ultrapassa o orçamento por razões de saúde, viagens, estudo, reforma e outros, a província e/ou o economato geral ajuda e/ou cobre as despesas.

Também é sabido que são as grandes obras, aquelas que cobram pelos serviços que prestam, às quais chamamos “ricas”, que contribuem financeiramente com a província e a congregação/ordem, garantindo o capital de giro, bem como a existência de pequenas e/ou grandes aplicações, ou seja, sustentam economicamente a estrutura da vida religiosa.

Sendo assim, é possível desfazer de tais obras? E o medo de não ter com o que sobreviver ou de sobreviver com pouco ou quase nada? E as viagens de avião, o conforto da boa casa e comida feita a tempo e a hora; roupa lavada e passada; cursos e outros? Como desfazer das fontes de renda que asseguram a estrutura financeira capaz de arcar com o ônus para garantir tais benefícios?

É certo que o conselho evangélico da pobreza gera polêmica, mas não é importante nos perguntarmos se precisamos ter para sobreviver ou ter para manter o status, a mordomia/conforto?

Quando o assunto é opção pelo pobre, constatamos que faz-se necessário avaliar bem nossas práticas. Falamos tanto em opção preferencial pelo pobre quando grande número de nossas instituições filantrópicas priorizam o atendimento ao rico e, muitas vezes, o conhecimento que temos da realidade do pobre é apenas teórico. Também, não é raro nossas casas serem mais frequentadas pela classe média, quando não, elite (são apenas benfeitores?). O pobre vem a nós para pedir comida, remédio... e mesmo assim fica aguardando do lado de fora, não é convidado para entrar. Se está bêbado e/ou é chato, então, nem pensar!

É certo que acontecimentos nos amedrontam e sempre justificamos apontando para a necessidade de termos cautela, mas...

E nossas instituições que dão assistência ao pobre, qual é a qualidade do que oferecemos aos empobrecidos, àqueles que não nos pagam pelos serviços que prestamos, incluindo o atendimento/acolhimento?

Sim, é pertinente nos perguntarmos como atuamos nas frentes de trabalho onde a obediência nos coloca, independente da classe social onde estamos inseridos/as. Porém, é certo que as exigências de uma instituição que cobra pelos serviços são bem distintas das que não cobram. E corremos o risco de, estando em instituições que dão assistência aos pobres, ficarmos estagnados/as; nos acomodarmos e oferecermos pouco, pensando ser muito ou suficiente.

Sabemos que para essas instituições seja qual for o atendimento/tratamen-

to, nunca faltará clientela e que o tipo de cobrança é bem diferente.

Em nossas obras que atendem à classe média-alta, sejam elas destinadas a educação, saúde e/ou outras, se busca o atendimento/acolhimento de excelência; pois o cliente paga e exige qualidade do que lhe é oferecido e, visando a satisfação de suas exigências e necessidades, buscamos melhoria contínua através da modernização do espaço e equipamentos; da formação contínua dos profissionais e, de um modo geral, estão à frente dessas obras nossos/as melhores administradores/as, "os melhores" irmãos/ãs, profissionalmente falando.

Não que seja errado cuidar bem de tais instituições mas, a questão é: como é/está o atendimento em nossas obras que atendem o pobre, onde não há cobrança pelo serviço prestado? E mais, porque há tantos irmãos/ãs que só aceitam trabalhar em instituições que atendem os pobres?

Urge questionarmos a qualidade do que oferecemos; pois é verdade que encontramos muitas instituições destinadas ao atendimento da população carente e dirigidas por ONGs ou outros grupos que suplantam as nossas. E sabemos que muitas de nossas instituições, principalmente as que estiveram sob os cuidados dos fundadores/as e destinadas ao atendimento do pobre, quando criadas foram modelos.

Tendo como pano de fundo tantas questões acima colocadas, queremos voltar nossa atenção para os seguintes questionamentos: como está nosso testemunho de pessoas consagradas? Demons-

tramos, pelo nosso agir, que trilhamos caminhos que nos conduzem à coerência com o compromisso que assumimos publicamente, mas que, primeiramente, foi assumido com o Mestre?

4. O desafio do seguimento: recomençar sempre

Tomando a figura de Francisco de Assis, que na radicalidade de seu despojamento foi solidário com o pobre de seu tempo, podemos dizer que ele fez mais, saiu de seu lugar social, desprezando toda fortuna que por direito lhe caberia e fez-se um com os pobres. Encontramos na Legenda dos Três Companheiros a narrativa do despojamento de Francisco, quando entrega a seu pai não somente o dinheiro, mas também sua roupa⁹ e como queria ser pobre como o Cristo pobre.

Francisco percorreu uma longa jornada para vencer-se a si mesmo e ser coerente com o ideal que abraçou. Conta a história que o sacerdote da igreja de São Damião, vendo o cansaço e abatimento de Francisco pelo esforço empreendido na reconstrução da igreja, preparava-lhe um alimento especial. Entretanto, Francisco, percebendo as atenções daquele sacerdote, disse de si para si:

“Encontrarás acaso aonde quer que vás um tal sacerdote que use contigo de tanta cortesia? Não é esta a vida de homem pobre que quisesse escolher. Mas é necessário que

vivas como um pobre, que, movido pela necessidade, vai de porta em porta, com um prato na mão, esmolando vários alimentos; importa que assim vivas, voluntariamente, por amor daquele que, nascido pobre, viveu paupérrimo no mundo, esteve nu e pobre no patíbulo da cruz e foi sepultado em sepulcro alheio”¹⁰.

A atitude de Francisco marcou sua época. Ele saiu de seu espaço geográfico e foi para o meio do pobre, seus contemporâneos viam/percebiam o ressignificado que deu a seu existir e muitos homens que já pertenciam à vida religiosa trocaram de Ordem para viverem o modelo proposto por Francisco, como por exemplo, Antônio de Pádua, o famoso Santo Antônio. Conforme encontramos em sua biografia, ele

“Professou entre os Cônegos Regulares de Santo Agostinho, passando, pouco depois da ordenação sacerdotal, para os Frades Menores, a fim de se dedicar à pregação da fé entre os povos da África”¹¹.

A exemplo de Antônio, outros sacerdotes ingressaram na Ordem dos Frades Menores, bem como muitos homens se encantaram pelo ideal e com o testemunho de Francisco de Assis:

“A verdade da doutrina anunciada com simplicidade e a autenticidade da vida do bem-aventurado Francisco se tornavam conhecidas

⁹ Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis. Editora Vozes Ltda. Em co-edição com CEFEPAL do Brasil. 1991. p. 661, 20.

¹⁰ Ibidem. p. 663, 22.

¹¹ Liturgia das Horas. Próprio da Família Franciscana. Editado pelo CEFEPAL. 1984. p. 109.

de muitos, de modo que, transcorridos dois anos de sua conversão, certos homens começaram a se animar por seu exemplo e penitência e, rejeitando todas as coisas, uniram-se a ele, no hábito e na vida¹².

Parece que hoje, nós consagrados/as, por razões diversas, fazemos exatamente o oposto. Nos distanciamos cada vez mais do povo, do pobre a começar pelo espaço geográfico que ocupamos e pela aparência de nossas residências. Falta simplicidade e autenticidade no testemunho.

Precisamos nos perguntar: como deve ser a vida religiosa na realidade de hoje? Como dar respostas novas às novas situações, vivendo o carisma inicial na atualidade?

Podemos dizer que a vida religiosa é uma organização humana possuidora de elementos considerados fundamentais encontrados em qualquer instituição prestadora de serviços, ou seja, possui objetivos, finalidades e propósitos e para atingi-los tem estratégias de ação próprias, contidas especialmente, nas Constituições e Diretório.

A vida religiosa persegue um objetivo único que é a vivência dos Conselhos Evangélicos, através do seguimento; cada comunidade é constituída por um grupo e um líder (superior/a, abade, abadessa, guardião, coordenador e/ou outras); tem seu aspecto econômico/empresarial; pois precisa de dinheiro para sobreviver e não há como escapar disso.

Pensando na vida religiosa como or-

ganização humana que também presta serviço e que este deve ser de qualidade, podemos inferir que a vida religiosa precisa querer qualidade e que qualidade para ela exige profundidade de pensamento/reflexão, coerência entre vida e fé. O povo anseia e espera de nós, religiosos/as, algo mais que eficiência/eficácia no desempenho das tarefas. Sendo assim, não importa tanto o que fazemos e o quanto fazemos, mas como fazemos e como somos.

Conforme encontramos no documento Partir de Cristo, no coração da sociedade, há uma expectativa em relação às pessoas consagradas:

"A sociedade espera ver nelas o reflexo concreto do agir de Jesus, do seu amor para cada pessoa, sem distinções ou adjetivos qualificativos. Quer experimentar que é possível dizer com o apóstolo Paulo "Esta minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé, crendo no filho de Deus, que me amou e por mim se entregou" (Gl 2, 20)"¹³.

Acreditamos que inovar e ousar na vida religiosa significa testemunhar. O povo, as pessoas que trabalham conosco mais de perto, precisam ver/perceber que há busca de coerência entre fé e vida em nossa história e na história que construímos com elas.

Não podemos permitir que haja constatação de que nossa boca professa uma coisa e nossa vida mostra outra, ou seja, honramos a Deus com as

¹² Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis. Editora Vozes Ltda. Em co-edição com CEFEPAL do Brasil. 1991. p 667, 27.

¹³ Partir de Cristo. p. 8.

palavras, mas nosso coração está longe dEle: “esse povo se aproxima de mim só com palavras, e somente com os lábios me glorifica, enquanto o seu coração está longe de mim. O culto que me prestam é tradição e rotina”¹⁴.

Nossa profissão religiosa, nosso culto a Deus precisam ser coerentes com nossa prática de vida, não pode cair no formalismo vazio, numa hipocrisia.

Sabemos que os conventos foram feitos pelos/as e para os/as religiosos/as, mas são estes (nós) que fazem os conventos, que dão rosto aos conventos. Não é bom nos perguntarmos, então, que rosto damos à nossa vida religiosa, às nossas comunidades?

Será que nossa vida não atrai vocações tanto quanto no tempo dos fundadores/as porque nosso testemunho distancia muito do que pregamos? Ou ainda, será que entre nós não há muita máscara de fraternidade, uma vez que vivemos sob o mesmo teto, rezamos e fazemos refeições juntos/as; recreamos e fazemos passeios comunitários juntos/as... mas não há entre nós relação de irmão/ã como professamos?

Podemos dizer que a vida religiosa oferece uma estrutura de funcionalidade para uma experiência fraterna, mas será que entre nós se cria relação de irmão/ã?

Frente aos imensos desafios da realidade, muitas vezes temos a impressão de que a vida religiosa permanece no nível do fazer coisas bonitas e boas, mas é um fazer que não cria interioridade. Com o

corre-corre da vida, o ativismo exacerbado, acabamos perdendo a sensibilidade. Não cultivamos com afincos a dimensão da mística, entendida como fé profunda, mergulho no transcendente e razão de nossa consagração e, muitas vezes, não permitimos que aconteça a fraternidade.

Esquecemos que, o que realmente conta não é o quanto fazemos, mas o que somos e como fazemos.

Sabemos que é intrínseco a nós a condição existencial que Paulo soube captar a partir da própria realidade “não fazer o bem que quero, mas o mal que não quero”¹⁵. Entretanto, na vida religiosa, quando as contradições se diluem, o cotidiano se torna espaço gerador de esperança, sinal profético.

Os caminhos do seguimento devem nos levar à conversão e à transformação da própria vida expressa através de gestos, ações e atitudes tomadas a favor da vida. Devemos abrir-nos continuamente aos apelos da conversão devido à dinâmica da realidade do pecado que nos envolve. Há em nós um dinamismo interno de amor e de bondade que nos torna capazes de nos abrir sempre mais ao amor de Deus e do próximo e é para este dinamismo que devemos deixar espaço aberto.

Como consagrados/as somos chamados/as à coerência de vida no seguimento, contando com a graça e a misericórdia de Deus, devemos trilhar caminhos que nos conduzam ao que a sociedade espera e pede de nós: testemunho, veracidade e transparência.

¹⁴ Isaías, 29, 13.

¹⁵ Rm 7, 19.

Conforme encontramos em Vita Consecrata, urge que nós consagrados/as testemunhemos nosso compromisso autenticamente:

"No nosso mundo, onde frequentemente parecem ter-se perdido os vestígios de Deus, torna-se urgente um vigoroso testemunho profético por parte das pessoas consagradas. [...] Às pessoas consagradas é pedido que ofereçam o seu testemunho, com a ousadia do profeta que não tem medo de arriscar a própria vida"¹⁶.

Comungamos com a convicção de que mudança é possível, mas para que esta aconteça, há que ter espírito empreendedor e de busca; pois conforme assinala Helder Câmara, começar é graça, mas graça maior é persistir na busca: "não pares. É graça começar bem. É graça maior persistir na caminhada. Mas a graça das graças é não desistir, podendo ou não chegar até o fim".

O que fica para nós é **o desafio do seguimento: sempre recomeçar**; acreditar na possibilidade e caminhar sobre as pegadas de Cristo; pois "Somente ele, presente no meio de nós, pode fazer-nos compreender plenamente a sua Palavra e atualizá-la, pode iluminar as mentes e aquecer os corações"¹⁷ pode nos conceder a graça da perseverança; pois prometeu que estaria conosco até o fim dos tempos: "Eis que estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo"¹⁸.

Por fim, somente o Espírito poderá nos ajudar a decifrar na história da humanidade os vestígios e sinais do Mestre, bem como interpretar os sinais dos tempos em nossa realidade, para que possamos, ajudados/as pela força de seu amor, ser fiéis ao carisma fundacional e "viver, com amor apaixonado, a forma de vida de Cristo"¹⁹.

Endereço da autora:

Avenida Roberto Silveira, 150 - Centro
25685-040 Petrópolis - RJ

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Quais são, na sua apreciação, as principais causas do "esvaziamento dos noviciados".
- 2- Você e sua comunidade acompanham o surgimento de novas propostas de vida consagrada? Como vocês vêem este fenômeno?
- 3- Como tratar de superar as atuais incoerências da Vida Religiosa?
- 4- Trace, com sua comunidade, o perfil da Vida Religiosa que vocês consideram ser testemunho para a juventude de hoje.

¹⁶ Vita Consecrata. p. 162, n. 85.

¹⁷ Partir de Cristo. p. 7.

¹⁸ Mt 28,20.

¹⁹ Partir de Cristo. p. 18.

A Vida Religiosa: Elementos para a pastoral vocacional

CARLOS PALMÉS, SJ

1. Introdução

Para empreender o caminho, primeiro temos que saber aonde vamos e como vamos chegar. A pastoral que queremos realizar se orienta pela vida religiosa. A vida religiosa, sendo vida, é difícil de ser enquadrada numa definição, nem o pretendemos; mas, sim, podemos assinalar as linhas mais importantes ou os elementos fundamentais que a constituem, sem os quais não seria vida religiosa. A pastoral vocacional há de ser um “aperitivo”, uma preparação para viver mais tarde em profundidade o que agora se inicia.

Não há melhor caminho para descobrir esses elementos do que perguntar aos mesmos jovens o que lhes chama mais a atenção quando sonham com a vida religiosa.

1- Um primeiro aspecto que costuma ser o mais impactante é a ação apostólica. Um jovem ou uma jovem que tenha visto uma irmã ou um religioso recolhendo meninos da rua, ou ensinando em um bairro de periferia, ou assistindo e animando uma comunidade paroquial, ou dando catequese, ou aulas de Bíblia ou teologia, ou assistindo os enfermos e velhos, ou se despedindo para ir a missões... Isso lhe pareceu uma vida fascinante, diferente dos modelos que nos oferece uma sociedade egoísta, ávida por acumular dinheiro e por gozar a vida, onde muitos, mesmo os melhores, ficam

contaminados pela corrupção ou aspiram a ideais rasteiros e materialistas. No íntimo desses jovens brota um sonho como uma nobre realização da vida, aquela desses homens e mulheres que não pensam em si mesmos e que vivem felizes entregando seu tempo e suas energias a serviço de seus irmãos.

Na pastoral vocacional, a atividade apostólica organizada, orientada e avaliada entra como um elemento importante. É preciso colocar os jovens em contato com as necessidades apostólicas mais urgentes, como quando Jesus conscientizou os apóstolos fazendo-os contemplar um campo de trigo que já estava preparado para o plantio e fazendo-os entender que eles poderiam ser os semeadores. E, mais tarde, quando os discípulos voltaram exultantes de sua primeira experiência apostólica, Jesus teve uma das maiores alegrias de sua vida, ao comprovar que seus discípulos haviam descoberto uma fonte de felicidade: a de passar fazendo o bem aos demais e de entregar a vida por seus irmãos.

Já desde o primeiro momento da promoção vocacional, além de em todas as etapas da formação, o apostolado tem que estar presente como um elemento primordial. Mas um apostolado estimulante e comprometido com os mais necessários. Não com responsabilidades absorventes, mas com toda seriedade.

Agora, esta atividade apostólica tem que ser acompanhada e valorizada para que desde o princípio esteja bem orientada e não seja deixada à improvisação de cada um. Não se deve omitir este aspecto, já que costuma ser o primeiro e mais atrativo elemento vocacional e é aquele ao qual logo terão que dedicar a maior parte de seu tempo e de suas ilusões.

2- Outro aspecto vital de uma vocação religiosa é a vida comunitária. Para os/as jovens, é talvez o aspecto mais convincente. Quando um/a jovem visita a comunidade religiosa, observa muito como se tratam, se com espontaneidade e confiança como entre amigos, se há um ambiente de alegria e bom humor, se há conversas sobre temas substanciais... Se é assim, sente um forte impulso de viver desta maneira. É o que sempre havia desejado. Em seu ambiente de estudo ou de trabalho, só se fala de sexo, de dinheiro ou de futebol... e sempre fica com uma sensação de vazio e superficialidade. Ao conhecer a comunidade, recorda-se daquela primeira comunidade cristã "olha como se amam", e das palavras de Jesus: "nisto saberão que são meus discípulos: se vos amais uns aos outros".

Tenho visto várias vezes que a boa impressão da comunidade foi o princípio de um processo que terminou no noviciado. Mas também tenho visto o contrário: quando alguém descobriu na comunidade vozes alteradas ou um ambiente de tensão, isso foi suficiente para não querer saber mais dessa congrega-

ção. Às vezes as pessoas podem comparar essa situação com o ambiente que se vive em sua própria família onde há mais tolerância e carinho, ou ficam desencantadas porque não encontraram o paraíso com o qual sonhavam. O que convence os jovens não é tanto o que dizem as constituições ou a vida do/a fundador/a, mas o "venham e vejam" de Jesus, ao entrar em contato com uma comunidade real e comprovar que ali se vive o amor fraterno. Daí a necessidade de haver comunidades acolhedoras, capazes de compartilhar seu ideal de vida com os/as jovens, deixando-se interpelar por suas exigências de autenticidade, dispostas a caminhar com eles¹.

Na pastoral vocacional, é conveniente que se inicie num certo modo de conveniência fraterna, de relações cálidas e gratificantes que vão preparando o candidato para chegar logo a viver a comunidade "como lugar de comunhão, onde as relações aparecem menos formais e onde se facilitam a acolhida e a compreensão mútua. Descobre-se também o valor divino e humano do estar juntos gratuitamente como discípulos e discípulas em torno de Cristo Mestre, em amizade, compartilhando também os momentos de distensão e relaxamento". Quando se consegue viver uma vida comunitária autêntica, não são necessários outros argumentos para que um jovem se sinta atraído fortemente.

Numa assembléia de religiosos/as da Colômbia, uma irmã nos contava que

1 Caminar desde Cristo, n. 16, Instrucción "Un renovado compromiso de la vida consagrada en el Tercer Milenio. A los seis años de VC. CIVCSVA, 2002".

2 Caminhar desde Cristo, n. 29.

elas trabalham em um lugar muito distante onde não há sacerdotes nem mes-
tres ou enfermeiras. Elas têm que reali-
zar todos estes serviços e todos lhes
agradecem muito por isso. Mas o que
mais os impressiona é que as irmãs sem-
pre estão alegres. Quantas jovens têm
ido a seu encontro para lhes pergun-
tar: irmãs, que poderíamos fazer para
sermos tão felizes como vocês?

3- O terceiro aspecto é o mais importan-
te. Às vezes, descobre-se já antes dos
outros dois, mas geralmente se explicita
e se aprofunda à medida em que se vi-
vem os anteriores. É o conhecimento e o
amor à pessoa de Cristo. Está no fundo
do processo de toda a vida consagrada e
é a "experiência fundante" ³, como a
vertente que fecunda e dá vida a todos
os outros aspectos ³ da vocação. Vai bro-
tando gradualmente até converter-se em
uma força interior mais poderosa e
globalizante. "Toda vocação à vida con-
sagrada nasceu da contemplação, de
momentos de intensa comunhão e de
uma profunda relação de amizade com
Cristo, da beleza e da luz que se viu res-
plandecer em seu rosto" ⁴.

É o momento do "enamoramento", no
qual o conhecimento e a afetividade se
centram em sua pessoa e em sua mis-
são; e se experimenta a fascinação do
primeiro encontro que dá lugar a um
chamamento em cadeia (Cf. Jo 1,35-51)
e se suscita a admiração e o entusiasmo
(Lc 5,8-10) que leva a perder um pouco

a cabeça por Ele e se dispõe à entrega da
própria vida. Então se inicia o itinerário
do seguimento que na Exortação se de-
signa como "caminhar desde Cristo",
como o fizeram os primeiros discípulos
e o fizeram depois multidões de homens
e mulheres de toda condição e culturas
que por Ele tenham deixado família e
pátria e o tenham seguido incondicio-
nalmente ⁵. Por isso, "a vida espiritual
deve ocupar o primeiro lugar no progra-
ma das famílias de vida consagrada, de
tal modo que cada instituto e cada co-
munidade apareçam como escolas de
autêntica espiritualidade evangélica" ⁶.

II. O caminho a seguir

Depois de assinalar os pontos bási-
cos da promoção vocacional, é o mo-
mento de indicar os meios práticos ne-
cessários: é preciso acentuar os três
aspectos assinalados porque essas são
as três colunas em que deve apoiar-se
a vida religiosa que vão viver. E, além
disso, o acompanhamento pessoal pe-
riódico. Tratando-se de jovens, é neces-
sário usar métodos e dinâmicas atrati-
vas para eles, como são encontros ju-
venis, acampamentos, cantos, peregrina-
ções, etc., mas sempre como meios
para chegar ao essencial.

1. A experiência de Deus

Já que o encontro com Cristo há de ser
a experiência fundante, é preciso procu-
rar dar particular importância à oração, à

³ Caminhar desde Cristo, n. 25.

⁴ Caminhar desde Cristo, n. 25.

⁵ Caminhar desde Cristo, n. 21.

⁶ Caminhar desde Cristo, n. 20.

relação pessoal com o Senhor: fomentar a vida de fé enlaçada com o tema da justiça, da participação na Eucaristia, com alguma visita ao Santíssimo, com a reza do rosário ou outras práticas, ter na noite uma "pausa" ou exame para descobrir a presença amorosa de Deus ao longo do dia e para pedir perdão pela falta de correspondência a sua predileção.

Mas, sobretudo, a pessoa tem que se iniciar na oração pessoal à luz da Palavra. Vale a pena dedicar tempo experimentando alguns métodos de oração com eles, para que cada um vá encontrando seu modo pessoal de se relacionar com o Senhor. Há inúmeros livros, com boa pedagogia, que ajudam a iniciação. E logo, em algum momento do pre-noviciado ou do noviciado, haverá alguma experiência "violenta" de Deus, que seja como o ponto de partida de uma vida espiritual sólida e permanente.

Outra prática muito recomendável é ter um retiro espiritual de vários dias para discernir a própria vocação num clima de oração e com o acompanhamento de uma pessoa experiente e de confiança

2. Vida comunitária

Pensando na vida comunitária, é preciso orientar os/as jovens não para uma vida centrada no cumprimento de normas disciplinares ou em formalidades rígidas, mas nas relações cordiais, onde cada um/a possa se sentir ele/a mesmo/a, apreciado/a e querido/a pelos demais. Isso deveria desembocar em uma experiência dupla:

A- O contato gratificante com alguma comunidade do instituto à qual o/a jovem se inclina.

B- Iniciar algum tipo de convivência com os companheiros/as que têm o mesmo ideal, seja vivendo juntos uma temporada com alguém que os/as acompanhe, ou tendo reuniões esporádicas de vários dias de convivência em um acampamento, ou em um retiro espiritual, ou em um encontro de fraternidade. O contato próximo com outros/as lhes fará aceitar, também, uma nota de realismo de que não é tão fácil esta convivência com toda classe de pessoas, e isso os preparará para aceitar com maturidade as diferenças no futuro.

É possível propor diversas realizações de acordo com as necessidades e possibilidades:

1- Parece que a melhor experiência é que os/as candidatos/as vivam em suas casas e levem a vida habitual que, geralmente, é de estudos, mas tendo encontros periódicos, todo o grupo, com os/as promotores/as vocacionais. Neles seriam tratados temas vocacionais ou se fariam retiros espirituais, ou outras atividades que alimentassem a chama sagrada.

2- Em um lugar em que a maioria das vocações vêm do campo onde não há possibilidades de serem cultivadas, seria melhor que os/as candidatos/as vivessem juntos/as na cidade com os/as promotores/as e que lhes fossem dadas facilidades para continuarem seus estudos no Colégio ou na Universidade, enquanto se preparassem para entrar no instituto. Não é o ideal, mas às vezes tem dado bom resultado.

3- Quanto às "escolas apostólicas", que em outros tempos eram o mais comum, não parece que seja uma fórmula para

nossos tempos. Viviam em regime de internato, geralmente desde bem jovens, longe da família, com atos de piedade comuns, como separados do "mundo" e com uma especial proteção. Esse estilo de convivência, com razão, desapareceu; entretanto, em circunstâncias especiais, tirando as características que possam supor "segregação" e falta de maturidade e liberdade, foi conservado em algumas partes um modo de convivência em comum que pode ser proveitoso para cultivar e fortalecer a vocação.

3. Experiência Apostólica

No tocante ao apostolado, é muito importante ter alguma experiência de comunicar a própria vivência espiritual. E descobrir a alegria que produz o fazer o bem aos demais. Abre novos horizontes. Em vez de viver curvado sobre si mesmo para satisfazer as próprias tendências egoístas, a pessoa começa a se preocupar em fazer felizes os demais e em transformar um mundo injusto e triste em uma família de irmãos que têm o mesmo Pai Deus.

1. Um modo de realizar isso é indo nos fins de semana a alguma comunidade do campo ou da periferia da cidade, em uma equipe já organizada, para tratar com grupos juvenis ou com comunidades de base, ou para dar catecismo aos meninos, etc. Do mesmo modo, participando na pastoral de uma paróquia, unindo-se às atividades organizadas pelos leigos, especialmente jovens, ou colaborando numa missão.

2. Outro modo pode ser o de incorporar-se em alguma obra social ou de beneficência com pobres, idosos, desvali-

dos, enfermos do hospital ou na pastoral carcerária, etc. O contato com os "excluídos" da sociedade faz descobrir o valor do amor gratuito, que não busca interesses pessoais ou compensações, mas somente "fazer o bem" a quem mais dele necessita.

3. Outra preparação muito adequada pode ser inscrever-se como "voluntário/a" durante um ano ou um tempo suficientemente prolongado em algumas obras do instituto, para conhecer seu carisma e para ser conhecido/a pelos irmãos/as.

4. O instrumento mais importante

Nessa mesma linha, um meio que está se tornando cada vez mais imprescindível desde o nascimento de uma vocação é o acompanhamento espiritual. Um bom número de congregações já incorporou este instrumento na formação, com grande proveito, mas há aqueles que ainda não descobriram sua importância, talvez porque não está nas tradições de seu instituto ou porque não foi experimentado pessoalmente. Ou melhor, é usado esporadicamente quando se apresenta uma crise, mas não acontece um seguimento periódico e comprometido. Em V.C. (n. 66) é chamado: "o instrumento mais importante da formação". Não somente o é quando o noviciado já se iniciou, senão desde o momento em que o jovem começa a pensar no seguimento de Cristo. A pessoa não pode caminhar sozinha; é preciso ter ao lado alguém que lhe assinale o caminho e que a acompanhe para orientá-la e animá-la, para ajudá-la a objetivar as coisas, para descobrir o mundo interior e para discernir a voz de Deus.

Quando faltao acompanhamento, comete-se uma grave omissão. E, se este acompanhamento não é introduzido nos primeiros passos da vida consagrada, mais tarde fica mais difícil ou talvez impossível. Alguns pensam que é necessário ter muito respeito à pessoa e que não se deve violar sua intimidade se ela não se abre espontaneamente. Por certo é preciso respeitar a pessoa e não se pode forçar a manifestação de sua consciência.

Por isso, antes de tudo, é preciso conseguir um clima de confiança mútua em que se torne fácil abrir-se. Porém, além disso, é necessário se convencer de que a formação se dá principalmente no interior da pessoa: formação de critérios, de atitudes, da liberdade, da afetividade. E é preciso entrar nesses caminhos para poder dar uma ajuda válida. Por isso deveria haver uma espécie de pacto implícito da parte do/da jovem, para abrir-se e ser transparente e, da parte do/da acompanhante, para tomar, com toda seriedade, este serviço e para comprometer-se à confidencialidade. Seriedade quer dizer periodicidade e compromisso.

Por isso também, não basta acudir ao acompanhante quando entra em crise. Isso não seria um acompanhamento, mas uma cura de emergência. É pre-

ciso caminhar juntos e avaliar com frequência a marcha empreendida. Na promoção vocacional, será preciso esclarecer as idéias, animar, exigir, ajudar a superar maus hábitos e a criar outros bons, iniciar em práticas de oração e apostolado, etc. É uma pastoral de profundidade, personalizada, que há de continuar ao longo da vida. É muito mais efetiva que qualquer outra pastoral, por mais eficiente e vistosa que seja! Quantas vocações foram salvas e fortalecidas graças a um acompanhamento próximo e acertado!

Na promoção estão se realizando muitas atividades, umas mais atrativas para os/as jovens, outra menos espetaculares, porém mais profundas. Nem todas têm a mesma importância ou incidência. Creio que é preciso ter critérios claros. No meio da tempestade, é preciso empenhar-se em conseguir a devida preparação para os aspectos fundamentais, que mais tarde hão de converter-se nos pilares de sua vida consagrada, de modo que a entrada na casa de formação não seja uma surpresa decepcionante, mas a realização de seus ideais.

Tradução: Eliana Teles Horta Santiago

O autor é Doutor em Teologia Espiritual, Coordenador do Curso de Formadores de Cochabamba - Bolívia

Endereço do autor:

Bolívar E - 0360 Casilla 654 Cochabamba - Bolívia

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Que dimensão da vida religiosa é mais interpelante aos jovens e às jovens que se aproximam da sua congregação? Por quê?
- 2- Que meios concretos são oferecidos aos/as jovens para acompanhá-los/as no seu discernimento vocacional? À luz do conteúdo do artigo, há algum meio que seria necessário rever ou introduzir?
- 3- Que disposição, resistências e dificuldades percebem nos/nas jovens na hora em que lhes é oferecido um acompanhamento espiritual sistemático?



CRB

Marcos Indicadores

**Impresso
Especial**

050200140-2/2002 - DR/RJ

CRB

...CORREIOS...

Há uma esperança para o teu futuro!

Há setas indicando o caminho... *Jr 31, 17.21*

por isso, finca bem as estacas, desdobra a lona,

estica as cordas, amplia o espaço... *Is 54, 2*

Neste horizonte de esperança, a CRB se compromete a animar e assessorar o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizando o caminho através desses marcos:

1. Espiritualidade integradora como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal.
2. Opção preferencial, audaciosa e atualizada, pelos empobrecidos e excluídos.
3. Comunidade, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade.
4. Formação para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar.
5. Abertura às interpelações das novas gerações em sua diversidade cultural.
6. Novas relações de gênero e etnia tecidas no respeito e valorização do diferente.
7. Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade.
8. Análise institucional a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão.
9. Apoio a novas formas de consagração e de pertença aos carismas.
10. Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús".
11. Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira.

A nós, irmãs e irmãos de todo o Brasil, cabe a responsabilidade de transformar em vida profética e missionária o que o Espírito nos propõe neste momento. Nesta esperança, sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, avançamos para o futuro.

(Texto final aprovado pela XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB, celebrada em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001.)
